



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ESCOLA NORMAL SUPERIOR

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia

Mestrado Acadêmico Educação em Ciências na Amazônia

MARLUCIA FERREIRA MELO

**MAPEAMENTO DOS ASPECTOS AFETIVOS QUE INFLUENCIAM E DIFICULTAM
A APRENDIZAGEM A PARTIR DO USO DE FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS
PRODUZIDAS POR EGRESSOS DO MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO
DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA.**

MANAUS-AM

2012

MARLUCIA FERREIRA MELO

**MAPEAMENTO DOS ASPECTOS AFETIVOS QUE INFLUENCIAM E DIFICULTAM
A APRENDIZAGEM A PARTIR DO USO DE FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS
PRODUZIDAS POR EGRESSOS DO MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO
DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre do Curso de Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas- UEA.

Orientador: Profa. Dra. Ierecê Barbosa

MANAUS-AM
2012

Ficha Catalográfica

M528m Melo, Marluvia Ferreira.
2012

Mapeamento dos aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas por egressos do mestrado profissional de Ensino de Ciências na Amazônia / Marluvia Ferreira Melo – Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2012.

105f.: il.: 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia) Universidade do Estado do Amazonas, 2012.

I. Afetividade. 2. Ferramentas Pedagógicas. 3. Processo - Ensino - Aprendizagem. 4. Ensino de Ciências - Amazônia. I. Título II. Universidade do Estado do Amazonas.

CDU 37.015.3: 004

MARLÚCIA FERREIRA MELO

**MAPEAMENTO DOS ASPECTOS AFETIVOS QUE INFLUENCIAM E DIFICULTAM
A APRENDIZAGEM A PARTIR DO USO DE FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS
PRODUZIDAS POR EGRESSOS DO MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO
DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre do Curso de Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Orientador: Profa. Dra. Irecê Barbosa

Aprovada em __/__/2012

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irecê Barbosa – Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Prof. Dr. Amarildo Menezes – Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Prof. Dr. José Vicente – UNINORTE

A um anjo, que me reconduziu aos estudos e pesquisa, me resgatou de um processo letárgico, no qual eu mais parecia um peixe sob o efeito do timbó¹... Apreciava tudo, mas estava paralisada diante dos desafios que me eram impostos; não tinha coragem e força; estava inerte frente à vida. Foi você, bondoso anjo, que nos momentos mais difíceis soube me reconduzir aos trilhos do conhecimento. Sem o seu apoio, amizade, seriedade e compromisso eu não teria conseguido. Tenha certeza de que esse trabalho contribuiu significativamente na formação dessa professora da rede municipal de Educação. E isso só foi possível graças a Deus, e ao seu modo especial de conduzir seus discípulos nas trilhas do conhecimento.

Professora Dra. **Irecê Barbosa**, você é a prova viva de que sem o exercício da afetividade entre professor e aluno não acontece o processo Ensino aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

¹ - Cipó alucinógeno muito utilizado na região pelos caboclos na pesca em lagos e igarapés.

À Deus por ter colocado pessoas de fundamental importância em meus caminhos, em especial o Prof. Dr. Amarildo Menezes, ao senhor os meus verdadeiros agradecimentos.

A minha filha Ester Naiá (obrigada pela compreensão quando mamãe estava estressada), a minha mãe Maria Eli Barros Ferreira (que mesmo sentindo enormes dores me incentivava a continuar), a minha querida irmã Maria Neuza Ferreira Melo (que me ajudou a carregar esse imenso fardo), ao meu filho/irmão William Ferreira de Souza (que mesmo com seus problemas me ajudou de forma decisiva), aos alunos e professores do ensino fundamental, aos professores Doutores do Mestrado: Evandro Guedin, Augusto Fachin Teran, Josefina Barrera Kalhil (a esta pelas palavras de encorajamento e estímulo), a Profa. Dra. Ana Frazão (pelo seu exemplo de que é possível se aliar Sabedoria e Simplicidade), à Karen (sempre atenciosa e solícita), à Lourdinha (da Rudary), ao meu ídolo e amigo prof. Dr. Roberto Sanches Mubarak Sobrinho, ao meu amigo Edson Lira (Estatístico do Hemoam).

E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço a todos que compartilharam aqui comigo esses momentos de inquietações, mas como diz Cunha: é preferível a angústia da busca a paz da acomodação. Estou muito feliz e grata a todos.

*Só o amor e o afeto poderão
abrir os ferrolhos das prisões
emocionais, reeditando pensamentos
e equilibrando sentimentos em favor
da cognição.*

(Eugênio Cunha 2010)

RESUMO

A presente pesquisa teve como intenção central mapear os aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas pelos egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia. Dessa forma se propôs privilegiar e pautar o olhar nas relações professor aluno como possibilidade de se realizar atividades que contribuíssem para a melhoria da qualidade de aprendizagem a partir de aulas mediadas pelo recurso pedagógico, em especial o Kit Mergulhe mais Fundo. Procurou-se identificar de que forma a dimensão afetiva está presente na sala de aula e a representação social que professores e alunos atribuem a mesma. o trabalho se apóia em autores como: Piaget, Wallon, Vigostski, dentre outros, que enfatizam, mesmo de forma indireta a temática da afetividade e sua importância para a aprendizagem, ao mesmo tempo que apontam que cognição e afetividade andam juntas. A metodologia adotada foi o estudo etnográfico, que se insere na abordagem qualitativa. A coleta de dados deu-se a partir da transcrição dos relatos dos participantes, da observação de suas atividades e de sua participação nas atividades realizadas. A análise dos dados se pautou na descrição e agrupamentos das respostas dadas nos diálogos formais e informais. Todas as atividades foram estabelecidas tendo como foco central o processo ensino aprendizagem, bem como as contribuições que professores e alunos atribuem para a afetividade como propulsora da aprendizagem. Nessa pesquisa pode-se observar ainda a necessidade e importância da mediação pedagógica a partir de ferramentas pedagógicas, como a desenvolvida e aqui utilizada pelos egressos do Mestrado Acadêmico do Ensino de Ciências na Amazônia.

Palavras- chave: afetividade; recurso pedagógico; relação ensino aprendizagem; mediação.

ABSTRACT

This research was central intention to map the emotional aspects that influence and hinder the learning from the use of pedagogical tools produced by graduates of the Master of Science Teaching Professional at Amazon. Thus proposed focus and guide the look in teacher student relations as ability to perform activities that contribute to improving the quality of learning from lessons mediated educational resource, especially Kit Dive Deeper. He sought to identify how the affective dimension is present in the classroom and the social representation that teachers and students attribute the same. The work is supported by authors such as Piaget, Wallon, Vygotsky, among others, who emphasize, even indirectly the theme of affectivity and its importance for learning at the same time point out that cognitive and affective go together. The methodology used was ethnographic study, which is included in the qualitative approach. Data collection took place from the transcript of the reports of the participants, observing their activities and their participation in the activities performed. Data analysis was based on the description and groupings of the answers given in the formal and informal dialogues. All activities were established with the central focus on the learning process as well as the contributions that teachers and students attach to affectivity as a driver of learning. This research can still see the need and importance of pedagogical mediation from educational tools, such as developed and used here by the Academic Master graduates of science education in the Amazon.

Keywords: affection ; educational resource ; the teaching learning; mediation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. BASES TEÓRICAS	13
1.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	30
2.1. Perfil sócio econômico dos sujeitos partícipes do processo de pesquisa.....	37
2.2.1. O perfil dos professores e direção da escola.....	41
2.2.2. Metodologia utilizada para a realização da pesquisa.....	42
2.3. Apresentação das atividades sócio-afetivas realizadas na escola.....	43
3. ANÁLISE DOS DADOS, DISCUSSÃO E RESULTADO	56
3.1. Concepção dos professores sobre a afetividade como aliada no processo ensino aprendizagem.....	57
3.2. Relato dos alunos sobre a convivência na escola e suas representações sociais sobre a prática de seus professores.....	70
3.3. Mapeamento e análise dos relatos de professores e alunos.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A afetividade, enquanto aliada do processo ensino aprendizagem, vem sendo discutida, visto que sua importância para a melhoria na qualidade do aprendizado apresenta um elevado grau de aceitação entre os educadores. Dessa forma a educação tradicional, fria que afastava o professor de seus alunos, o tornando distante, e ao mesmo tempo transformando essa tão necessária relação social em algo realmente distante.

Dessa forma, o trabalho aqui apresentado teve como foco central mapear os aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas pelos egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia.

Tal escolha se deu pelo fato de ao longo da trajetória enquanto professora ter-se observado um elevado grau de apatia dos alunos frente os conteúdos ministrados, dessa forma, buscou-se perceber: Qual a importância dada por professores e alunos às ferramentas pedagógicas (em especial o kit Mergulhe mais Fundo) produzidas pelos egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia, se os professores do segundo segmento do Ensino Fundamental utilizam a afetividade como aliada para alavancar a aprendizagem no Ensino de Ciências? De que forma se pode, construir, junto com os professores um mapeamento que evidencie ações em que a afetividade ancorou a aprendizagem?

Tendo como norte as questões acima apresentadas, se buscou evidenciar se na escola, privilegiada pela pesquisa há uma interação sócio-afetiva entre os sujeitos partícipes deste trabalho e de que forma se pode com idéias simples, como em especial os recursos pedagógicos produzidos pelos egressos da pós graduação promovida pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA) em especial do Mestrado Profissional de ensino de Ciências pode contribuir para a melhoria da qualidade da educação.

Este trabalho vem elucidar a partir de depoimentos de professores e alunos, a contribuição das ferramentas pedagógicas produzidas pelos agora Mestres em

Ensino de Ciências da UEA e ao mesmo tempo propiciar uma ampla discussão a respeito das contribuições da afetividade como forma de alavancar a aprendizagem.

A pesquisa realizada teve como eixo condutor a seguinte problemática: quais aspectos afetivos que influenciam ou dificultam a aprendizagem, tendo como apoio ferramentas pedagógicas produzidas pelos egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia?

Na busca de se responder a questão acima apresentada, foram formuladas as seguintes questões norteadoras:

1. Os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental utilizam a afetividade como aliada para alavancar a aprendizagem significativa no Ensino de Ciências?
2. Como construir, através dos depoimentos dos professores e alunos um mapeamento que evidencie ações em que a afetividade ancorou a aprendizagem?
3. Qual o impacto da socialização dos resultados da pesquisa na construção de relações sociais entre professores e alunos.

A partir desses questionamentos, se propôs como objetivo geral: Mapear os aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas por egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia. Apoiados nos seguintes objetivos específicos:

1. Aprofundar pesquisa bibliográfica sobre a problemática;
2. Observar se os professores utilizam a afetividade para impulsionar a aprendizagem significativa no Ensino de Ciências Naturais;
3. Construir um mapeamento a partir dos depoimentos de professores e alunos das ações em que a afetividade ancorou a aprendizagem no Ensino de Ciências;
4. Socializar os resultados, propiciando uma busca de melhoria da qualidade da educação através de atividades que visem à construção de relações afetivas entre professores e alunos.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos. Capítulo I traz o referencial teórico, que embasa e sustenta o trabalho, apresentando o que é a Afetividade nos diversos autores aqui elencados, e ao mesmo tempo mostra como esta temática foi privilegiada no campo de pesquisa, o Capítulo II apresenta a caracterização do campo de pesquisa; o perfil sócio econômico dos sujeitos partícipes do processo de pesquisa, a metodologia utilizada na realização desse trabalho, bem como a apresentação das atividades sócio-afetivas realizadas na escola. No terceiro e último é composto de uma análise dos dados, discussão e resultados e se conclui com o mapeamento.

1. O QUE É AFETIVIDADE EM DIVERSOS AUTORES E COMO ESTA FOI PRIVILEGIADA NO CAMPO DE PESQUISA

Cotidianamente a escola, bem como as relações sociais que ocorrem em seus muros e extramuros, é questionada a respeito das causas e fatores que influenciam e dificultam a aprendizagem dos alunos que, ano após ano, apresentam diversos problemas relacionados à aprendizagem. Dessa forma, buscamos nos debruçar em atividades e nos apoiar em autores que elucidam não apenas as causas, mas que apresentam possíveis caminhos para minimizar tal realidade.

Tendo consciência da complexidade da questão, mas totalmente motivados a realizar esse percurso, que tem como foco de pesquisa o Ensino Fundamental, mais especificamente o sétimo ano, nos debruçamos em autores como: Wallon (1971, 1978, 1986 e 2007). Piaget (1973, 1954-1994 e 1962). Vygotsky (2001, 2004, 2006, 2007), dentre outros aqui elencados. Tal escolha se pautou devido esses autores apresentarem sustentação teórica à questão por nós privilegiada, ou seja: quais aspectos afetivos que influenciam ou dificultam a aprendizagem, tendo como apoio ferramentas pedagógicas produzidas pelos egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia.

O interesse pela temática surgiu a partir do engajamento no processo ensino aprendizagem, como nos diz Weber (1979): o cientista, como todo indivíduo em ação, também age guiado por seus motivos, sua cultura e suas tradições. O pesquisador não é neutro, quando este opta por uma temática é por já ter algum tipo de interesse ou relação com seu objeto de pesquisa, por agir guiado pela motivação, e foi dessa forma, ou seja a partir de nossa vivência com alunos do Ensino Fundamental, em especial os do sétimo ano, observando como estes e os colegas de trabalho se relacionavam cotidianamente que buscamos realizar um trabalho que tivesse como focos a afetividade e sua influencia na aprendizagem.

No decorrer de nosso trabalho percebemos que a definição de afetividade, e em especial sua percepção no âmbito nas relações que permeiam o processo ensino aprendizagem, apresenta uma multiplicidade de conceitos, para tanto optamos pelas que mais se aproximam de nossa perspectiva, ou seja, vemos a

afetividade como uma maneira mais calorosa, e ao mesmo tempo humana, optamos pela afetividade que quebra aquela relação distante entre professor e alunos, porém de forma respeitosa, em que cada um saiba dos seus limites e funções, pois não pretendemos apenas fazer da relação professor aluno algo mais prazeroso, mas na verdade esperamos contribuir para uma aproximação de forma que professores e alunos sejam parceiros na busca do mesmo objetivo: a melhoria da qualidade da educação.

Pensamos ser possível rever as posturas frias e distantes que ao longo do processo da implementação de uma educação pautada no conteúdo se consolidou e acabou se perpetuando ao longo de décadas, em que o bom professor era aquele conteudista, rígido e temido pelos alunos, que só de se pronunciar o nome deste, todos tremiam. Nossa perspectiva é totalmente diferente, pois acreditamos que ao percebermos nosso aluno como partícipes dos mesmos objetivos e ideais poderemos melhorar nossa educação e, conseqüentemente, a sociedade através de relações sociais mais afetuosas e igualitárias.

Nesta busca, nos apoiamos em alguns autores que discutem a afetividade, objetivando esclarecer conceitos e ampliarmos nossa visão sobre a temática São eles:

1 Visão de Henri Wallon

Henri Wallon, acredita na importância do desenvolvimento de uma pessoa completa, integrada ao meio em que vive, e preceitua que estas estão permeadas de aspectos afetivo, cognitivo e motor. Ele é categórico quando diz: “jamais pude dissociar o biológico e o social, não porque o creia redutíveis entre si, mas porque eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas” (WALLON, 1986, p. 175).

A visão de Wallon se assenta na gênese dos processos psíquicos, este considera as emoções como indispensáveis na formação psíquica dos indivíduos, e

de forma direta fundamentais para a sobrevivência da humanidade, visto que ao nascer a criança ainda não tem:

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação de suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e seu entourage. (WALLON, 1971, p. 262).

Ver-se, pois que Wallon não fragmenta o indivíduo (ou motor ou afetivo; ou afetivo ou cognitivo), mas, em verdade chama-as de domínios funcionais. O autor percebe que o movimento é na verdade o primeiro recurso de sociabilidade que o ser humano utiliza para se aproximar dos outros seres. E enfatiza a sua característica de ser eminentemente social.

Os únicos atos úteis que a criança pode fazer, consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio. [...] Portanto, os primeiros gestos [...] não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão (WALLON, 1978, p. 201).

Ao perceber a importância das interações sociais das crianças com seu meio social, Wallon, nos possibilita entender não apenas os fatores afetivos e seu papel preponderante para a espécie humana, mas nos remete ao questionamento de como fundamentais são essas relações, visto que por nos perceber como seres eminentemente sociais, nos possibilita analisar a necessidade da qualidade dessas relações para a formação psíquica da humanidade, e porque não dizer para a construção da sociedade. É dessa forma que nos apoiamos em sua obra por percebermos a valorização que o aludido autor atribui às interações sociais.

1.2 A visão de Piaget sobre a temática da afetividade

Outro autor que embasa este estudo é Piaget (1973), que mesmo não tendo trabalhado a questão afetiva de forma direta em sua obra, considera em seus estudos sobre as dificuldades de aprendizagem o aspecto sócio-afetivo. Tal aspecto é analisado por ele como uma das cinco grandes áreas em que qualquer tipo de aprendizagem gira ao seu redor, sendo este um dos fatores que pode estar relacionado às dificuldades de aprendizagem. E dessa forma nos apoiamos nos estudos desse autor por este nos possibilitar o entendimento da relação entre afetividade e aprendizagem. Para ele:

À afetividade caberia então o papel de uma fonte de energia da qual dependeria o funcionamento da inteligência, porém não suas estruturas, da mesma forma que o funcionamento de um automóvel depende da gasolina, que aciona o motor, porém não modifica a estrutura da máquina (PIAGET, 1954-1994, p. 188).

Dessa forma podemos perceber que mesmo não tendo trabalhado de forma direta a questão da afetividade em sua obra, esse autor percebe sua importância para o funcionamento e até com impulsor da inteligência. De maneira que segundo o mesmo a afetividade não modifica a estrutura da inteligência, como a gasolina não modifica a estrutura da máquina (Analogia apresentada próprio pelo autor), *Piaget*: 1954/1994, p.188. Porém ele nos mostra que a afetividade funciona como uma mola propulsora de todas as atividades relacionadas à inteligência. E dessa forma sua importância para esta.

Para Piaget, a afetividade como uma forma de energia pode tanto acelerar como retardar o desenvolvimento dos indivíduos, podendo inclusive interferir no funcionamento das estruturas da inteligência, mas vale ressaltar que para ele, afetividade e cognição são inseparáveis, irreduzíveis e ao mesmo tempo complementares, porém com naturezas diferentes, pois enquanto a afetividade é energia, a cognição é estrutura e organização. Esse autor afirma que: “a afetividade não pode criar estruturas” (Piaget, 1954-1994, p. 200). Na verdade para ele a realidade afetiva parte do individual, para o coletivo. Sendo de certa forma uma

adaptação contínua como a vida intelectual. Para ele os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura. E por ser adaptação, a vida afetiva também supõe uma assimilação contínua das situações presentes às situações anteriores e uma acomodação constante desses esquemas ao presente.

Em Piaget encontramos um referencial que nos remete para a importância da afetividade, na sua relação com a inteligência, e ainda ele nos mostra que se constrói nos primeiros anos de vida. Este nos diz que:

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência, mas, em minha opinião, não é suficiente. Podemos considerar de duas maneiras diferentes as relações entre afetividade e inteligência. A verdadeira essência da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais. Na relação entre inteligência e afeto, podemos postular que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas [...] (1962 vol. 26, nº. 3.).

A citação acima apresentada evidencia que apesar de Piaget ter utilizado o método clínico, em que a importância de se aferir um rigor experimental é muito grande, mesmo assim, trabalhou a afetividade de forma muito interessante e instigadora,

1.3 A visão de Vygotsky e a importância da afetividade

Ainda no mesmo caminho, buscamos nos apoiar nos estudos de Vygotsky, em especial analisando sua proposta entre os processos intelectuais, volitivos e afetivos. Para ele, o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual

inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção, para ele separação do intelecto e do afeto, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional. Segundo o autor:

[...] cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade a que se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade. (Vygotsky, 1989: p. 6-7).

Vemos que o aludido autor apesar de ter privilegiado o funcionamento cognitivo como eixo central de sua obra, percebe de forma efetiva a questão da afetividade, combatendo a visão dualista de sua época. Para o autor (Vigotsky 1992, 76):

Há dois pressupostos complementares e de natureza geral em sua teoria que delineiam uma posição básica a respeito do lugar do afetivo no ser humano. Primeiramente uma perspectiva declaradamente monista, que se opõe a qualquer cisão das dimensões humanas como corpo/alma, material/não material e até, mais especificamente, pensamento/linguagem. Em segundo lugar, uma abordagem holística, opondo-se ao estudo dos elementos isolados do todo (p. 76).

Vigotsky buscou realizar em seus estudos um percurso histórico a respeito do tema da afetividade; apresentando um esboço desde a transição das primeiras emoções até se chegar as experiências emocionais superiores, apresentando uma observação sobre o emocional de adultos e crianças. Observando que os adultos têm uma vida emocional mais refinada do que as crianças. Para ele as emoções “isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo” (VIGOTSKY, 1998, p. 94).

Vigotsky, acredita que o ponto inicial das emoções, parte da herança biológica. Mas pautadas nas interações sociais, ela perde seu caráter instintivo, deslocando-se para o plano do simbólico. A expressão da afetividade pelo sujeito passa a ser, assim, consciente e autodeterminada. De acordo com Leite e Tassoni (2002, p. 122),

Vigotsky defende que uma abordagem ancorada puramente nos processos corporais, além de ignorar as qualidades superiores das emoções, única e exclusivamente humanas, também não considera as transformações qualitativas que sofrem ao longo do desenvolvimento. Além disso, as contribuições teóricas do autor permitem reconhecer e compreender o processo de internalização também das emoções e sentimentos, pois pressupõe que são as práticas sócio-culturais que determinam os conhecimentos e sentimentos apropriados pela criança. (p.122).

Ainda citando Vigotsky, podemos perceber que esse autor destacou, em sua obra, que as interações sociais têm um papel fundamental no desenvolvimento humano, e como percebemos essas interações como de extrema relevância para o processo ensino aprendizagem consideramos significativa a contribuição deste autor para o estudo em pauta. Ele reforça que o processo de aprendizagem tem origem nas interações sociais vivenciadas pela criança: “O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam” (VIGOTSKY, 1994, p. 115). É interessante constatar que segundo ele, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas e a o contexto em que está inserida, vai se desenvolvendo, ou seja, vai se apropriando das funções culturais, e por que não tornar essas interações mais prazerosas tendo como eixo condutor a afetividade em especial.

Ao perceber a importância das interações sociais para os indivíduos no seu processo de socialização, Vigotsky apresenta o conceito de *mediação*, e o define como “o processo de intervenção, ou seja um elo intermediário numa relação; nessa perspectiva a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”(OLIVEIRA, 1997, p. 26). Segundo ele:

Toda forma elementar de comportamento pressupõe uma reação direta a situação-problema defrontada pelo organismo – o que pode ser representado pela fórmula simples (S R). [...] Por outro lado, a estrutura de operações com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Esse elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (signo), colocado no interior da operação, onde preenche uma função especial; ele cria uma nova relação entre S e R. [...] Conseqüentemente, o processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado... (VIGOTSKY, 1994, p. 53).

As interações sociais são de extrema importância na visão de Vigotsky, a tal ponto que Oliveira (1997) destaca ser este um conceito central na obra do autor, em sua compreensão, pois para Vigotsky o modo de funcionamento psicológico é fruto de um processo de desenvolvimento que envolve a interação do organismo individual com o ambiente físico e social em que vive. Dessa forma podemos perceber que essas relações sociais são fundamentais para a formação e o desenvolvimento dos seres humanos e em nossa visão, se tornarmos essas interações sociais mais afetuosas, poderemos propiciar uma formação psíquica mais efetiva e dentro dos padrões esperados pela sociedade.

Este nos diz que:

O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto sempre passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VIGOTSKY, 1994, p. 40).

A partir dessa visão podemos perceber que uma educação, pautada em temas ligados a realidade de nossos alunos, tendo estes, como centro do processo ensino aprendizagem, de forma a se perceberem como atores sociais capazes de intervir positivamente no meio social, pode trazer melhorias qualitativas nesse

processo de apreensão, de modo que o aluno possa ter prazer em aprender. É de fundamental importância que a criança veja a escola como aliada e não como um local chato e hostil. Acreditamos que através de relações sociais, em que se priorize uma visão mais humana, podemos melhorar a relação professor e aluno, visto que como preceitua Vigotsky, podemos tornar esse caminho entre o objeto e a criança mais prazeroso.

Segundo Rego (2002, p.60): *“Através das intervenções constantes do adulto (e de crianças mais experientes) os processos psicológicos mais complexos começam a se formar”*. Os professores como, agentes mediadores das interações sociais, podem tornar essa relação dos alunos com as regras e normas sociais menos dolorosas, visto que podem realizar atividades que possibilitem o entendimento e aceitação dos valores culturais a nós impostos durante nossa vida em sociedade.

1.4 Outros autores

Tendo como foco a questão, em que a afetividade tem uma importância fundamental nas relações sociais, nos apoiamos em Bustos (1979), que ao apresentar a importância da interação entre os indivíduos, em especial quando se refere a utilização da sociometria², na evidenciação da importância das relações sociais na interação e vida dos seres humanos. Para esse autor:

Sem vínculos o homem não existe. Um cientificismo que converta o método à observação, estará somente traindo a essência do método inter-humano que é por definição falível, inexato, variável. O homem que observa, o faz basicamente a partir de uma escala de valores que responda ao meio social no qual vive. (Bustos, 1979. p. 16)

Dessa forma pode-se através do conhecimento desses instintos de auto conservação o professor utilizá-los de forma positiva, buscando através do

². A sociometria realiza o estudo matemático das propriedades psicológicas de uma população.

conhecimento dos fatores emocionais potencializar o aprendizado, como nos diz Almeida (1999):

Assim, enquanto o conhecimento do funcionamento emocional pode representar para o professor, a mola mestra do equilíbrio diante das reações emocionais dos seus alunos, sua ignorância pode significar o risco de uma escravidão (p.. 17).

Pode-se entender que tratar afetivamente um pessoa não significa como erroneamente se pensa, e em especial em sala de aula, fazer todas as vontades e desejos dos alunos, mas o que um educador atento deve fazer é estabelecer limites³ e direcionar de forma positiva e ética o aluno para que ele não seja prejudicado no processo, nem seus colegas, professores ou a instituição de ensino. Oliveira, (apud VIGOTSKY, 1992, p.75), diz o seguinte:

É mostrado que as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico têm sido tratadas, ao longo da história da psicologia como ciência, de forma separada, correspondendo a diferentes tradições dentro dessa disciplina. Atualmente, percebe-se uma tendência de reunião desses dois aspectos, numa tentativa de recomposição do ser psicológico completo. Volte-se ao já dito, que o homem vive suas experiências como ser completo que é e todas suas funções trabalham harmonicamente. Uma depende da outra (p. 75).

Para Almeida, Vigotsky usou o termo "função mental" para referir-se a processos como pensamento, memória, percepção a atenção. Ele faz diferenças entre funções mentais elementares (atenção involuntária) e funções mentais superiores (atenção voluntária e memória), mas, o ponto central da sua teoria é a essência de inter-relação delas com outras funções. A constituição da consciência é feita por processos pelos qual o afeto e o intelecto se desenvolvem inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mutuas, dessa forma, Vygotsky concebeu a pessoa como um todo (abordagem holística).

³ - Se possível, que esses limites sejam previamente negociado com os alunos.

Ele não aceita divisões das dimensões humanas (concepção monista) de corpo/alma, pensamento/linguagem, portanto, não separa o afetivo e cognitivo. Assim o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Assim, esse pensamento dissociado fecha as portas à questão da causa e origem de nossos pensamentos já que não explica como é que o pensamento influencia sobre a vida pessoal e o inverso. O estudo em conjunto do afetivo e o intelectual permite-nos compreender as trajetórias do pensamento em relação com os impulsos da pessoa. (Oliveira, apud VIGOSTSKY, 1992, p. 75-76).

Diante da imersão na visão dos autores, supra citados, buscamos a definição do conceito de afetividade, isso não foi tarefa fácil, pois esse conceito diverge bastante e acaba por ter diversas definições. Apresentamos algumas definições por nós encontradas e que segundo nossa ótica possibilita um melhor entendimento da questão. A primeira é do site (WWW.....) ORGONE – Psicologia clínica, que define afetividade como:

Os *afetos* podem ser vistos como uma consequência das ações do indivíduo que visam à satisfação de suas necessidades (corporais ou psíquicas). Se essas ações são bem sucedidas, o afeto é agradável, caso contrário, é desagradável.

A palavra afeto vem do latim *afficere*, que significa influenciar, afetar e o conceito de afetividade possui quatro subdivisões:

1. As **emoções** são afetos agudos, momentâneos, acompanhados por uma hiperatividade do sistema nervoso autônomo. Sendo assim, são estados afetivos intensos, de curta duração. São experiências psíquicas e somáticas que ocorrem ao mesmo tempo, produzindo uma alteração global da dinâmica pessoal.

2. Os **sentimentos** são estados afetivos menos intensos e mais duradouros que as emoções, sem alterações físicas, pertencendo assim mais à esfera psíquica do que somática. Possuem uma natureza mais cognitiva do que as emoções estando, por essa razão, mais direcionados para experiências intelectuais. Geram estados afetivos característicos como tristeza, amizade, amor e alegria.

3. As **paixões** são estados afetivos intensos, acoplados a ideias, que conseguem monopolizar e dirigir a atenção e o comportamento.

4. O **humor** representa a somatória dos estados afetivos presentes num indivíduo a um dado momento, podendo ser definido também como estado de ânimo ou tônus afetivo, sendo um estado afetivo basal, não se relacionando a nenhum objeto específico. Sendo assim, o humor pode ser alegre, triste, irritável, calmo ou ansioso.

No Dicionário Aurélio, o verbete afetividade está definido da seguinte forma:

A afetividade é: conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. (1999).

Para Antunes (2006), a afetividade é importante como instrumento capaz de estimular e apoiar o ser humano no processo de maturação, com relação à temática o autor nos diz:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica

da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (pág. 05)

Com relação à atualidade da afetividade o autor levar-nos a pensar na significância de sua utilização pois esta sempre está presente, visto que se percebe que independente da temporalidade, as relações afetivas além de primordiais para a formação humana, nunca saem de moda, visto que nós seres humanos somos eminentemente afetivos e sociais. Dessa forma temos a tendência a valorização de tais relações, visto que somos seres sociais.

A afetividade é discutida de forma ampla, principalmente no que se refere a questão educacional, uma vez que se pode evidenciar que está contribuindo para a melhoria do processo ensino aprendizagem, por tornar a relação professor aluno mais prazerosa, dessa forma a postura positiva do professor frente a seu grupo de trabalho, suas expectativas em relação aos alunos são fundamentais para o comportamento e desempenho destes. Segundo ANTUNES (1996):

Se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo e ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho (p. 56).

Diversos são os autores que tem apresentado a questão de que quando bem tratados os alunos passam a ter um comportamento mais positivo. Perini (2003) enfatiza que:

A atenção é sem dúvida, uma dos reforçadores mais significativos também numa perspectiva longitudinal, estreitamente relacionada com a proximidade física e com muitas manifestações gratificantes de afeto (pág. 145).

Rosenthal e Jacobson (1968) também nos apontam para a importância das expectativas do professor sobre o desempenho dos alunos que tem uma função muitas vezes de “profecias auto-realizadoras”, uma vez que nossas expectativas positivas em relação aos nossos alunos podem contribuir de forma a alavancar a auto-imagem que eles têm de si mesmo e, assim, com uma relação afetiva entre professor e os alunos o rendimento da turma pode melhorar, tornando a aprendizagem mais efetiva. Conseqüentemente esses alunos poderão ter mais sucesso, não apenas em sua vida escolar, mas em todos os campos

Outro autor que nos remete a essa análise é Cunha (2010, p. 22), segundo ele: “muitas crianças e adolescentes não aprendem e recebem conceitos de menos inteligentes, quando na verdade, estão efetivamente carentes. Afinal nossa inteligência não só agrega aspectos cognitivos, mas também emocionais”.

Vemos então a necessidade e importância da questão afetiva em todos os campos de nossa vida, mas o que se percebe é que nossa sociedade até pelo seu acelerado processo tecnológico, cada vez mais preocupada com as questões econômicas, tende a gerar sujeitos “preparados” para a competição, e dessa forma acabou por desestimular as questões afetivas, visto que estas fogem ao cálculo, sendo apresentadas muitas vezes como com pouca ou nenhuma objetividade. Dessa forma, acabamos nos tornando sujeitos mais frios e distantes, a questão individual acabou por ofuscar as coletivas e a escola, professores, pais e alunos foram dragados nesse processo. Segundo Cunha (2010):

Durante anos, a escola permaneceu engessada em uma cama, com tudo ao seu redor ultrapassando-a em uma velocidade díspar. Ela ajudou a construir o desenvolvimento social, tecnológico e humano, sem, no entanto, conseguir acompanhá-lo. Exigirá de nós educadores, um esforço bem maior para atualizá-la às mudanças que reordenaram o tempo e o espaço em que vivemos, não somente nos aspectos materiais e científicos, mas também afetivos, em razão das sensíveis alterações nos núcleos, familiares e sociais (pág.23).

O resultado do abandono das questões afetivas, acabou por contribuir para um processo de desumanização da educação, em que a escola foi gradativamente tornando-se mais técnica, pautada em normas e rotinas, sem perceber que apesar dessas serem de suma importância para o bom funcionamento operacional. Ainda segundo este autor

Percebe-se que, quando se fala em fracasso na educação, é porque décadas o afeto ficou fora da sala de aula, proporcionando o tecnicismo, a dicotomia entre razão e emoção, o reducionismo arbitrário e a aferição do valor do conhecimento mais pelo seu individualístico poder de trânsito do que pelo seu poder de satisfação pessoal no compartilhar dos saberes.(CUNHA, 2010, p.30)

Ao discutirmos a questão da escola, seu papel social, sua real função não apenas como transmissora de conteúdos e conhecimentos, mas como instituição capaz de propiciar em todos que participam de sua vivência, uma visão mais totalizadora da realidade, acreditamos que as relações mais afetuosas, mas humanas capazes de contribuir efetivamente para uma mudança qualitativa na realidade social. Para La Taille (1992 p.):

O afeto é uma mola propulsora das ações, e a razão está em seu serviço, pois este medeia o registro das informações e as transforma em conhecimento. Favorece a lembrança dos registros. Quanto maior for o número de conexões, haverá mais registros e mais conhecimento.

Apoiamo-nos ainda, nos estudos da argentina Emilia Ferreiro, que apesar de não ter privilegiado a questão afetiva, tornou-se referência para o ensino no Brasil, integrando-se ao construtivismo, campo de estudo inaugurado por Jean Piaget (1896-1980). Em especial, por considerar, em sua teoria, que as crianças têm papel ativo na construção de seu próprio conhecimento e na importância das relações

sociais. Segundo Emilia Ferreiro (2001), a construção do conhecimento e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social dentro ou fora da escola.

Apoiados nos autores acima citados, e também como ser humano e educadores, podemos perceber que a afetividade tem influência fundamental em nossas vidas, visto que é evidente que ninguém gosta de ser maltratado, que como seres sociais e afetivos que somos, nos importamos com a forma como os outros nos tratam em todos os lugares que frequentamos. Em relação à escola, a afetividade pode ser uma excelente aliada nos relacionamentos de professor aluno. Inclusive na valorização deste, levando-o a um melhor rendimento acadêmico e também a uma melhoria em sua qualidade de vida, interferindo de forma direta a relação escola x sociedade, através de uma educação mais humana e calorosa.

Após nossa imersão nos trabalhos que de alguma forma privilegiaram a temática afetividade e, também, da experiência em sala de aula, onde cotidianamente nos deparamos com alunos carentes de atenção, afeto, carinho, podemos perceber o quanto se discutir e analisar os fatores afetivos e sociais são significativos, pois contribuem para entendermos melhor a cognição, percebendo sua relevância no contexto das nossas escolas,

1.5 Aprendizagem afetiva

A partir do interesse dos alunos pelas temáticas apresentadas em sala de aula pelo professor, este último centrando sua prática em relações mais calorosas e afetivas, pode-se criar um reação individual positiva e favorável para a aprendizagem., valorizando os valores e preferências dos alunos, fazendo com que estes se reconheçam e se percebam como atores do processo social em que estão inseridos. Campos (2005, pág. 69), nos diz que:

Compreender atitudes e valores sociais, traduzidos por gostos, preferências, simpatias, costumes, crenças, hábitos e idéias de ação, que constituem os princípios mais gerais da conduta humana. [...] A aprendizagem apreciativa ou afetiva resulta em respostas

afetivas, que poderão ser proveitosas ao indivíduo e a sociedade.

A autora nos possibilita analisar que se tornarmos os conteúdos voltados para a realidade de nossos alunos, podemos obter uma maior participação destes, uma vez que perceberão que estamos trabalhando com temáticas voltadas a sua realidade ao seu interesse. Conseqüentemente, teremos uma maior participação destes frente a discussão sobre sua educação, pois desenvolverão um sentimento de pertença não apenas pelos conteúdos, mas pela escola.

Gostaríamos de questionar a necessidade da paixão na hora de se ensinar, pois como já abordamos anteriormente, temos um histórico de culpabilização das vítimas, uma vez que sempre que se questiona a qualidade da educação, sempre os motivos apontados se voltam ou para professores ou alunos. Enquanto na verdade a questão é muito mais complexa, e se pauta no histórico de uma educação como diz Althusser (ano 1985, p.9), voltada para a supremacia do Estado, quando esse autor nos diz: “a escola é um aparelho ideológico do estado”, apesar de nos parecer muito radical, está na realidade nos apresentando o papel que ao longo de sua história lhe foi atribuído.

Segundo Werneck (2007, p. 50) “uma das razões que impedem a paixão pelo ensinar, está na sala de aula e atender alunos com dificuldades é a nossa origem histórica como professores, porque somos originários da escravidão”.

O autor supracitado nos remete a uma reflexão sobre nossa própria formação histórica enquanto profissionais da educação e ainda de nossa própria história ontológica como alunos, cidadãos e em especial como professores formados nesse processo educacional centrado no conteúdo, tradicionalista, que nega o erro e supervaloriza o acerto, nos levando dessa forma a nos tornamos seres passivos reféns de regras e normas imputadas desde o início de nosso processo educacional, nos afastando de nossos alunos.

Precisamos ressaltar que não basta apenas o interesse do aluno, mas uma metodologia totalmente adequada à realidade da comunidade, onde a escola se

encontra inserida, a postura docente bem como a adequação do ambiente de estudo.

Diante disso descreveremos, a seguir, o local onde a pesquisa foi realizada, bem como o cotidiano das atividades ali realizadas, pois nosso principal objetivo é mapear os aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas por egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia.

2. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A escola onde desenvolvemos nossa pesquisa pertence à rede municipal de educação da cidade de Manaus – AM e localiza-se em um bairro da zona Oeste, área muito bem visada, de realidade social relativamente boa, a escola é bem conceituada pela comunidade, tendo suas vagas muito disputadas devido a dois motivos⁴: Primeiro, seus professores terem assiduidade reconhecida pelos pais, conforme depoimento colhido entre os eles. Segundo, os pais realizam um trabalho de boa qualidade, são muito participativos e interessados no processo educacional. A interação dos pais com o corpo docente ficou visível no período que estivemos na escola e nas diversas conversas informais que realizamos com os pais e responsáveis, não apenas nos dias de aula normal, mas nas reuniões de pais e mestres ou mesmo nas reuniões extraordinárias, pois a direção sempre que necessário convida a comunidade para participar das decisões inerentes ao bom desenvolvimento da escola.

Quanto seu aspecto físico a escola apresenta inúmeras inadequações, o tamanho das salas não obedece ao que estabelece a resolução 033 do Conselho Estadual de Educação que preconiza que as salas devem dispor de espaço mínimo, ou seja, um metro quadrado por aluno nessa fase de ensino, além do espaço necessário para o professor.

As inadequações físicas e o estado de conservação da escola são alarmantes mesmo tendo passado por uma “reforma” recentemente, o que acarretou alto custo não só para o poder público, mas também para os alunos e professores, visto que passou mais de dois meses para os trabalhos de manutenção, o que se reverteu em problemas para todos, pois as aulas tiveram que ser dadas nos sábados e feriados. Tais problemas causam insatisfação aos alunos, pais, professores e até a gestora que sempre aponta as constantes falhas da reformas e os espaços inadequados como fatores que dificultam um bom desempenho de todos, inclusive do aprendizado que acaba sendo comprometido pela realidade do espaço físico.

⁴ - Os dois motivos citados, foram apresentados pelos pais e responsáveis em conversas informais durante o período de realização da pesquisa.

Ao questionarmos o espaço físico, não podemos esquecer outro ponto negativo, que são as cadeiras e mesas dos alunos, muito desconfortáveis e insuficientes. Por diversas vezes percebemos que no primeiro tempo de aula, que inicia pontualmente às 07 h da manhã, há uma perda de tempo significativa, pois os alunos precisam ir a outras salas em busca de cadeiras, e, muitas vezes, não conseguem encontrar, pois essas são tiradas das salas durante os outros turnos, e ainda seu número é visivelmente inferior a quantidade de alunos.

No período de realização da pesquisa, por diversas ocasiões, podemos presenciar duas crianças sentadas em uma só cadeira, mesmo sendo crianças franzinas observamos o incomodo na hora de escrever, pois elas ficavam a todo tempo se batendo, o que leva também a um prejuízo de aprendizado e ainda de um bom funcionamento da sala de aula, uma vez que a professora precisa se desgastar muito mais para conseguir prender a atenção dos alunos.

Ainda com relação à temática acima enfatizada, gostaríamos de destacar a falta de um local para a realização das aulas práticas, uma vez que evidenciamos que na aludida escola há uma imensa quantidade de matérias como jogos, kits, modelos dos aparelhos reprodutores, masculino e feminino e até microscópio eletrônico. É importante enfatizar que todos estes materiais estavam acomodados no “auditório” da escola, empoeirados, guardados em caixas e há muito haviam sido esquecidos, pois este espaço funcionava já há duas gestões⁵, como um depósito, onde se guardavam todos os tipos de coisas desde os livros didáticos para serem distribuídos até os materiais de construção, lembrando que estes só foram “descobertos” após a nova gestão, que está realizando uma organização bem efetiva. E nesse processo de “arrumação da casa” acabou por “descobrir diversos tesouros” no que se refere a materiais importantes para se incrementar as aulas. Mas a falta de um espaço para as aulas práticas compromete o futuro da utilização destes materiais, visto que é evidente a necessidade de um local onde se leve os alunos para as aulas práticas e que possa está preparado no momento que o

⁵ - Observa-se que há uma prática institucionalizada que ao se mudar de gestão há uma quebra no ritmo das atividades, o novo diretor dificilmente dá continuidade aos trabalhos já desenvolvidos, o que leva a uma quebra no ritmo dos mesmos.

professor precise, pois o tempo de aula é muito reduzido, de no máximo 50 minutos, não dando ao professor condições de organizar a sala de aula para as atividades.

Ainda em relação à falta de um local para as aulas práticas, aqui em especial as de ciências naturais, presenciamos a clara intenção de uma determinada professora em tornar suas aulas mais interessantes, mas a falta de um ambiente destinado para isso acabou claramente por impossibilitar uma boa atividade. Ficou evidente que a professora teve um nível de esforço elevadíssimo, tentando organizar o local, articulando com a bibliotecária a utilização da “biblioteca”⁶ para este fim. A docente chegou mais cedo e tomou todas as precauções necessárias, o que acabou por comprometer a atividade, pois quando os alunos chegaram a professora estava tão exaurida que teve por este motivo seu desempenho didático comprometido, devido ao seu desgaste com a preparação do local.

Por tudo o que presenciamos e descrevemos, somos levados a crer que um dos fatores que contribuem para a não realização de um trabalho pedagógico mais dinâmico e atraente é a inadequação física da grande maioria das escolas públicas, esta questão acaba por contribuir para que o professor se limite a utilização de aulas teóricas, tendo como instrumento apenas o livro didático, o quadro e sua voz, o que os leva a perpetuarem aulas desmotivadoras, uma vez que a disciplina Ciências Naturais necessita da prática para sua realização, mas a não existência de um espaço adequado para isso acaba por tornar as aulas tradicionais e chatas, na base da “descoberta”⁷ que não é só de conteúdos, mas estende-se aos nomes dos materiais.. Perini (2003, p.44, 45) nos diz que:

O ambiente físico e sociocultural é o conjunto de elementos circundantes ao indivíduo [...] o ambiente funcional é medido, pelas mudanças que provoca no comportamento do indivíduo [...] as condições que definem um ambiente funcional podem ser conceituadas em duas

⁶ Se é que se pode chamar este espaço de Biblioteca, pois não apresenta as mínimas condições para um bom trabalho, seja uma pesquisa ou mesmo uma simples atividade de leitura, visto que este espaço não apresenta as mínimas condições, sejam espaciais, de iluminação ou outros atributos mínimos.

⁷ - Termo utilizado pela gestora, ao encontrar durante a limpeza e organização do auditório de todos aqueles materiais, que segundo ela ninguém sabia da existência. Os materiais são jogos, modelos de células, até um microscópio, só descobertos no dia da faxina.

categorias: funções do estímulo e sabia da existência fatores de setting.

Vemos, pois que um ambiente adequado para as aulas práticas pode ter um caráter estimulante e inovador, estimulante por gerar nos discentes uma expectativa positiva pelas aulas de Ciências Naturais e inovador por permitir ao professor realizar aulas mais dinâmicas e ainda propiciar um clima de pesquisa entre alunos e professor.

Torna-se necessário enfatizar que muitas escolas, apesar de suas limitações físicas, são extremamente bem equipadas do ponto de vista de materiais e acervos didáticos, muitas vezes adquiridos pelas secretarias sem uma discussão com a comunidade escolar sobre sua importância e utilização. Entretanto, no que se refere a implantação de um sistema de aulas mais atraentes, não há nada que realmente garanta a possibilidade de melhoria nas aulas, muitos professores não utilizam materiais didáticos e os recursos pedagógicos, por medo de danificá-los, outros pela falta de um espaço adequado para sua utilização, há ainda os que não sabem manipulá-los, porém o mais grave é vermos que as verbas que foram destinadas a compra destes não tiveram uma real discussão com os mais interessados na melhoria da qualidade do processo educacional, ou seja a comunidade escolar como um todo, que merece ser ouvida, nem que seja para o reforço do sentimento de parceria e de pertencimento de todos envolvidos no processo ensino aprendizagem. Tal envolvimento certamente levaria não só a um uso racional e planejado destes recursos, mas também a uma co-responsabilidade em relação aos recursos destinados a educação de nosso município.

Após vivenciarmos o cotidiano escolar no período de realização de nossa pesquisa, podemos evidenciar a real condição de nossas escolas da rede municipal de Manaus, ocasião em que destacamos entre diversos aspectos aqueles que precisam ser melhorados para a realização de uma aprendizagem realmente efetiva, ou seja: a necessidade de um laboratório para as aulas práticas de Ciências Naturais. Como já foi relatado, há uma quantidade significativa de materiais didáticos, jogos, kits diversos para essa finalidade, tornando-se imprescindível a estruturação de um espaço destinado para acondicioná-los.

Acreditamos que um ambiente funcional, bem estruturado, organizado e atraente, pode contribuir como estímulo a futuros pesquisadores, uma vez que o Estado do Amazonas, pela sua biodiversidade, apresenta um leque de opções para a pesquisa científica e se bem orientados e incentivados os alunos podem ser despertados para esse universo inesgotável que é a construção do conhecimento e através da pesquisa se torna muito mais significativo. Muitos docentes têm a visão equivocada de que pesquisa é para quem faz pós-graduação, excluindo a criança da produção do conhecimento, o que não deixa de ser um desconhecimento e uma falta de afeto, pois todo processo que exclui é contrário a afetividade. Contrariando tal visão, Demo (2005, p. 11) nos diz que:

[...] a criança é por vocação um pesquisador pertinaz, compulsivo. A escola, muitas vezes, atrapalha esta volúpia infantil, pois privilegia em excesso disciplina, ordem, atenção.

Outro autor que contribui para esta pesquisa por enfatizar a importância do ensino através da pesquisa é Freire (1999, p. 32), preceituando que:

[...] Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. [...] Um está no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço [...]

Na busca desse conhecer foi que caracterizamos o nosso campo de pesquisa e continuamos a trajetória rumo ao perfil sócio econômico dos sujeitos que farão parte deste estudo.

2.1 - PERFIL SOCIO ECONOMICO DOS SUJEITOS PARTICIPES DO PROCESSO DE PESQUISA

A zona Oeste do município de Manaus apresenta características sócio-econômicas bem interessantes, pode-se perceber que os contrastes sociais são bem visíveis, pois, mesmo estando localizada em uma área relativamente valorizada do

ponto de vista imobiliário, inclusive pela proximidade com a Estrada da Ponta Negra, área de especulação imobiliária intensa, nos últimos anos inúmeros empreendimentos imobiliários estão sendo erguidos, inclusive está em construção o que promete ser um dos maiores shoppings do estado. Como era de se esperar nessa conjuntura, o bairro onde a escola está inserida também segue esse padrão, percebe-se claramente nos alunos uma distância social bem expressiva, tem-se alunos que possuem símbolos de valor como celulares de última geração, MP4, jogos eletrônicos, acesso a Internet, dentre outros, enquanto a maioria não possui nem ao menos uma mochila para levar seu material didático.

Apesar da localização da escola ser em uma área considerada de classe média baixa, não se percebe um grau de pobreza tão elevado, as crianças e adolescentes que estudam na escola apresentam certa disparidade no aspecto sócio-econômico, inclusive se tem pais das mais diversas profissões que vão desde pedreiros, empregadas domésticas, vendedores e até militares (a presença de militares nessa zona geográfica é muito comum, inclusive pelo bairro ser próximo a Estrada da Ponta Negra onde se localizam diversos quartéis).

Outro aspecto que despertou nossa atenção foi a composição familiar, pois na escola onde a pesquisa foi desenvolvida se tem um número bem expressivo de famílias de filho único⁸. Em quase todas as salas da escola podemos perceber a presença de crianças que não tem irmãos, ou que tem apenas meio irmãos, outro ponto interessante que percebemos é que essas crianças que não tem irmãos apresentam um grau de atenção e cuidado por parte dos pais muito maior, nota-se que essas crianças vão a escola sempre bem limpas, fazem o dever de casa e muitos desses alunos, mesmo já tendo 12 anos de idade ou mais, os pais vão deixá-los na escola todos os dias e quando são solicitados estão sempre lá. Tais cuidados contribuem com uma educação mais efetiva para essas crianças, muitas apresentam um grau bem mais elevado de segurança no que se refere aos conteúdos apresentados nas aulas, pois já se antecipam a responder, falam de atividades que realizaram, fora de sala e que têm conexão com os conteúdos ali ministrados, dessa maneira podemos evidenciar, que o capital social e cultural

⁸ - Encontramos a composição de famílias com apenas um filho, mas nas áreas com menos pobreza, pois nas de maior concentração de pobreza as famílias com apenas um filho são praticamente inexistentes.

contribui de forma efetiva para o entendimento das atividades e conteúdos ministrados nas diversas disciplinas, pois seus conhecimentos prévios possibilitam diversas conexões.

Durante nossa pesquisa presenciamos uma cena que nos chamou muito atenção, uma garota do sétimo ano, de uma família de 10 (dez) irmãos, estava chorando copiosamente no início da aula, a professora pensando de se tratar de um caso de fome, o que não é muito comum na escola, mas por conhecer a realidade social da família (pela proximidade entre família e escola, e ainda pela maioria dos professores da escola trabalharem há muitos anos no mesmo lugar, o que favorece o conhecimentos da realidade da maioria dos alunos, o que é muito bom, pois conhecer nossos alunos nos possibilita tratá-los de forma correta diante de suas especificidades), a levou para o refeitório para dar-lhe um lanche, quando ficamos a sós com a turma estes contaram que a criança chorava pelo fato de um dos colegas ter ficado fazendo chacotas sobre sua “bolsa”, visto que a aluna leva seus livros e materiais escolares dentro de uma sacola plástica, daquelas fornecidas nos supermercados.

Segundo o relato da turma, o colega tinha ridicularizado-a apenas por ela não possuir uma mochila. Esse fato nos chocou bastante, mas foi fundamental para nossa pesquisa, pois a postura da professora acabou por evidenciar sua relação de afetividade com o grupo, a forma como ela conduziu o conflito, sendo enfática, quanto a negatividade do acontecido, mas preparando seus alunos para conviverem com as diversidades, aqui em especial a diferença social, pois segundo preconiza Merani (1977, p. 75) :

[...] é a criança, o adolescente, que devem ser preparados para viverem com seus semelhantes. É para formar esse homem, tanto como corpo como espírito, tanto produtor como cidadão, requiere-se antes de mais nada, possuir uma verdadeira psicologia da criança. Nas suas atividades, das suas reações a estímulos, da afetividade unicamente, mas de maneira clara [...]

Vimos de forma bem evidente que a após o retorno da professora à sala, esta já sábia do ocorrido, uma vez que antes da sua chegada ao refeitório a menina havia relatado o verdadeiro motivo do choro. A professora ao retornar à sala e sem querer saber quem fora o ator da violência social contra a colega, pronunciou-se sobre o fato de forma contundente, observamos que ela conseguiu atingi-los emocionalmente e todos se comprometeram a não fazer mais. A atitude da professora foi bem coerente e correta, esta não destratou os alunos, mas de uma maneira bem peculiar mostrou a todos a gravidade do ocorrido, tal atitude por parte dos professores pode combater problemas tão graves que inclusive no momento estão no topo das discussões sociais contemporâneas, como por exemplo, o bullying, talvez nunca tenhamos discutido tanto essa forma de violência escolar como na atualidade, mas a postura da educadora foi realmente louvável, pois mesmo os que não haviam participado daquela agressão social ficaram bem sensibilizados para a necessidade de se respeitar o outro. Dessa forma vimos outro aspecto bem interessante trabalhado pela educadora e que encontra suporte teórico em Ribeiro (2003 p. 301) que ao citar Piaget nos diz:

[...] a própria moral pressupõe inteligência [...] a inteligência é uma condição necessária, porém não suficiente ao desenvolvimento da moral. Nesse sentido, a moralidade implica pensar o racional, em três dimensões: a) regras: que são formulações verbais concretas implícitas (como os dez mandamentos por exemplo); b) princípios: que representam o espírito das regras (amai-vos uns aos outros, por exemplo) e c) valores: que dão respostas aos deveres e aos sentidos da vida, permitindo entender de onde são derivados os princípios das regras a serem seguidas.

Nesse episódio, acima descrito, podemos evidenciar de forma clara que a professora conseguiu trabalhar os três aspectos citados pelo autor, ou seja, ela aproveitou esse lamentável incidente e trabalhou de forma muito inteligente as regras, os princípios e os valores, pois a conversa que ela teve com os alunos foi muito esclarecedora do ponto de vista da importância do respeito, dos limites e da aceitação das diferenças, em todos os aspectos, sejam físicos, pessoais ou mesmo sociais, fazendo inclusive alusão ao ser e ao ter.

Nesse aspecto podemos ainda destacar na atitude da professora outra questão de fundamental importância nas relações afetivas, ou seja, as emoções, pois esse fato nos levou a buscar mais embasamento teórico e encontramos Manole, (1989, p. 52) que enfatiza a “importância da integração entre os organismos meio e a interação dos conjuntos funcionais emoções, sentimentos e paixão, e o papel da afetividade nos diferentes estágios”.

Outro aspecto que merece atenção e destaque é a pouca importância que a maioria dos alunos dão a merenda escolar, apesar de ser muito saudável, bem preparada, feita com muito esmero, o desperdício é muito grande, acreditamos até por se ter alguns alunos que levam dinheiro e merendam na cantina⁹, visto que o lanche comprado parece exercer um fascínio muito grande nos alunos, pois apesar de ser de péssima qualidade representa um status a quem pode consumir seus “venenos”, levando muitas vezes as crianças e adolescentes a não quererem pegar a merenda da escola, ou pegar e logo em seguida descartá-la. Tornou-se evidente que até mesmo os que não têm dinheiro para comprar acabam negligenciando a merenda escolar, talvez por vergonha ou pelo desejo de participarem daquele seletivo grupo que merenda na cantina, ficando, muitas vezes, sem se alimentarem somente para não demonstrarem sua real condição social e financeira.

Eis o esboço da vida socioeconômica dos alunos e algumas implicações que o desequilíbrio acarreta, especialmente quando o *ter* sobrepuja o *ser*.

O PERFIL DOS PROFESSORES E DIREÇÃO DA ESCOLA

Em relação aos professores lotados na escola em que se realizou a pesquisa, podemos perceber que estes, como já relatamos anteriormente, são bastante empenhados em seu trabalho, muito participativos, muito engajados na busca da melhoria da qualidade da educação, com raríssimas exceções. Em geral, são cordiais com os alunos e apresentam um grau de afetividade com os mesmos muito

⁹ A escola possui uma cantina, onde a merenda é vendida lá predominam as frituras, salgadinhos artificiais, doces e todo o tipo de guloseima adorados e desejados pelas crianças e adolescentes, mas pouco recomendados por médicos e nutricionistas.

alto, se importam com as aulas, buscam realizar sempre que possível¹⁰ suas atividades de forma mais interativa, sempre valorizando a participação dos alunos na busca de um melhor e maior aprendizado. Vale registrar que apesar de todas as adversidades encontradas na escola o corpo técnico é muito engajado, solidário e apresentam um grau de cumplicidade positiva, visto que todos parecem muito unido na busca do objetivo maior que é a qualidade do ensino, centrando seu olhar e foco nos alunos, na comunidade e na escola em geral.

Outro ponto que merece destaque é a gestora, que apesar de ter assumido a direção a pouco tempo vem realizando um trabalho muito bom, sua postura apesar de ser bem rígida é muito cordial com toda a comunidade escolar, está vem realizando, mesmo com todas as dificuldades encontradas um trabalho muito efetivo no que se refere a melhoria do espaço físico e educacional e até mesmo pedagógico, sempre se voltando a busca de melhorias que venham a propiciar um local de trabalho em que as pessoas se sintam confortáveis. Apesar das inadequações físicas da escola serem muito grandes, observou-se uma vontade sobre-humana de realizar uma boa gestão.¹¹

Poderia passar diversas páginas falando das impressões sobre o corpo técnico e pedagógico, mas passaremos agora a descrever algumas atividades realizadas durante o trabalho de campo.

2.3 - METODOLOGIA UTILIZADA PARA A REALIZAÇÃO DESSE TRABALHO

Como eixo condutor, utilizamos em nossa pesquisa o viés qualitativo, do tipo pesquisa ação, e também um estudo etnográfico, de modo a fornecer elementos acerca da relação e envolvimento dos sujeitos participantes da pesquisa, e ao mesmo tempo promover a interação entre estes e o pesquisador que a todo momento se colocou como parte integrante do processo ali desenvolvido, buscando não apenas transformar, mas ser transformado no decorrer do processo. Porém apesar disso

¹⁰ - Digo sempre que possível, pois nem sempre é possível se fazer um bom trabalho com as condições físicas e materiais que a escola apresenta.

¹¹ - A realização da pesquisa me fez repensar sobre minhas representações sociais a respeito dos funcionários públicos, pois esse corpo técnico e docente da escola fizeram eu rever meus conceitos, devido o elevado grau de empenho de todos na busca da excelência do trabalho. Hoje vejo que existem realmente excelentes professores e diretores na rede municipal de educação. Essa escola pode servir como ponto de partida no que se refere a um grupo empenhado e motivado para a realização de seu trabalho.

não se perdeu de foco o que nos alerta Macedo (2000, p. 206 – 207), quando nos diz:

Ao nos defrontarmos com a realidade, temos que compreender que esta não cabe num conceito, é preciso construir um certo distanciamento teórico, a fim de edificarmos, durante as observações, uma disponibilidade face aos acontecimentos em curso. Ao concluir a coleta de informações, as inspirações teóricas são retomadas fazendo-as trabalhar criticamente no âmbito das interpretações saídas do estudo concreto. Neste encontro, tensionado pelos saberes já sistematizados e “dados” vivos da realidade, nasce um conhecimento que se quer sempre enriquecido pelo ato reflexivo de questionar, de manter-se curioso.

Outra questão por nós enfrentada foi o temor do envolvimento excessivo com a realidade pesquisada, pois por sermos professores e vivenciarmos a temática selecionada, sabíamos enfrentar um desafio a mais ou seja como nos alerta Velho (1986, p. 16)

[...] o risco existe sempre que um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os quais compartilha preocupações, valores, gostos, concepções. No entanto, assinala que, quando se decide tomar sua própria sociedade como objeto de pesquisa, é preciso sempre ter em mente que sua subjetividade precisa ser incorporada ao processo de conhecimento desencadeado.

Para a realização deste trabalho se privilegiou a observação e análise das atividades relacionadas a questão da afetividade, buscando perceber a dinâmica do funcionamento local e cotidiano das pessoas envolvidas na pesquisa. A caracterização foi feita através de:

- Levantamento das práticas pedagógicas e da aceitação de recurso pedagógico (Kit Mergulhe mais Fundo) produzido pelos egressos do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia;

- Sensibilização acerca da temática da Afetividade e sua importância para a relação professor alunos.

- Elaboração de um mapeamento sobre os aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas por egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia.

2.4 - APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES SOCIO-AFETIVAS REALIZADAS NA ESCOLA

Por se tratar de um trabalho voltado a busca da melhoria da qualidade educacional, em que procuramos articular a análise qualitativa a quantitativa priorizamos atividades em que os sujeitos envolvidos na pesquisa pudessem apresentar suas opiniões e sugestões, visto que percebemos a importância do controle social, não apenas para se apontar as falhas e dificuldades, mas de forma a que os próprios sujeitos sociais pudessem apresentar suas contribuições para a melhoria da qualidade da educação na escola. Tal atividade de envolvimento entre a comunidade escolar ocorreu num clima muito agradável, pois, como já apresentamos anteriormente, a comunidade tem uma relação de pertença com a escola o que contribui para sua interação em todas as atividades desenvolvidas.

A princípio buscamos apresentar a pesquisa no intuito de conseguirmos parcerias com os professores, direção, alunos e comunidade escolar. Por trabalharmos na escola isso se tornou de certa forma positivo, mas com nuances negativas, uma vez que poderíamos gerar melindres entre nossos colegas, o que de certa forma poderia comprometer nossa pesquisa, mas passado esse momento inicial a atividade foi bem aceita pelos colegas que inclusive contribuíram de forma efetiva para sua realização, em especial as professoras da disciplina Ciências Naturais, dos turnos matutino e vespertino, que deram um apoio incondicional, inclusive cedendo seu tempo de aula quando solicitado para realização de atividades junto aos alunos. Pode-se perceber que a abordagem inicial em que o projeto foi apresentado e ainda a forma como foi solicitado o apoio contribuíram de forma decisiva para a aceitação das professoras que não só apoiaram e

contribuíram sempre que foram solicitadas, mas também mostraram um grande interesse pela proposta.

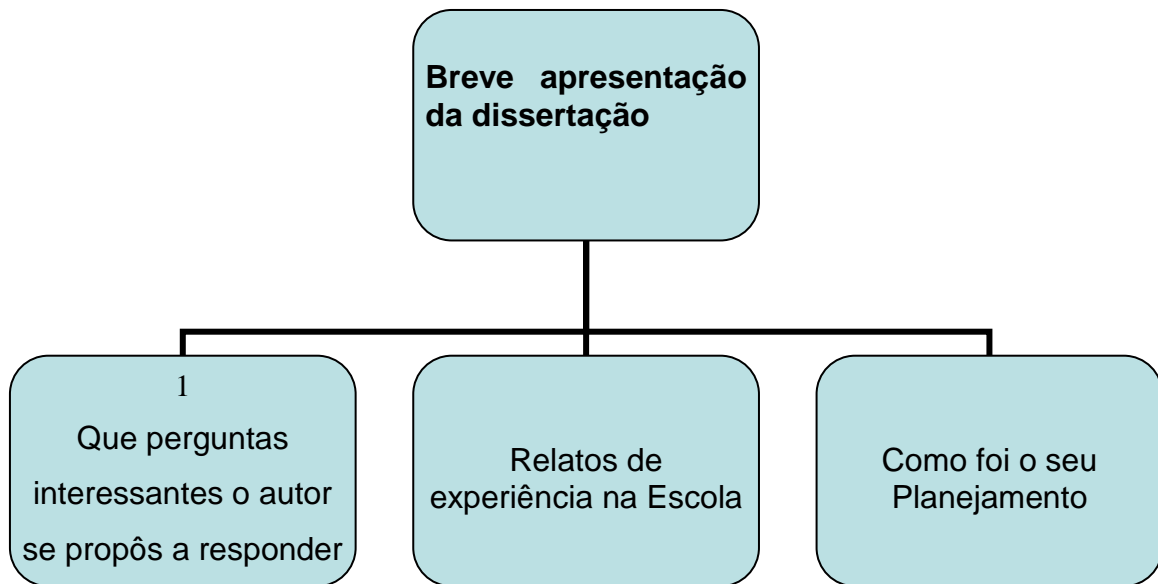
Diante desse clima propício podemos realizar todas as atividades propostas: A primeira delas foi uma atividade com um kit produzido no mestrado profissional, o qual foi muito apreciado pelos colegas e ao mesmo tempo demonstrou, pela simplicidade dos materiais utilizados para a confecção do mesmo, ser de fácil reprodução e um excelente recurso pedagógico para trabalharmos diversos temas. Na apresentação muitos professores, mesmo de outras disciplinas, se apresentaram interessados, uma vez que perceberam poder utilizar a ideia inicial do kit para a produção de diversos tipos de jogos. Porém, antes de utilizarmos o kit, e ainda para o reforço de trabalhar nosso tema propriamente dito, ou seja, a questão da afetividade, nos apoiamos em Antunes (2005, p. 135 à 138) que preceitua:

“Alguns ‘segredinhos’ para fazer do afeto ações de verdadeira amizade que são: 1. Acredite sempre na criança; 2. Aprenda a usar sempre um vocabulário positivo; 3. Tenha sempre uma lente de aumento para as realizações positivas; 4. Defina expectativas realistas; 5. Aprenda a julgar com dignidade e ensine que a verdadeira justiça não esconde hipocrisias; 6. Saiba atribuir responsabilidades crescentes e 7. Ajude a criança a desenvolver habilidades sociais.”

Apoiados nas premissas acima expostas, realizamos antes da atividade uma amplo conversa, ocasião em que atribuímos responsabilidades a todos os alunos, buscando sempre trabalhar articulando o ensino com a pesquisa e as orientações de Antunes. Tal articulação nos forneceu a base para que esta pesquisa fosse permeada de ações capazes de reforçar os laços afetivos entre professor e alunos.

1- Breve apresentação da dissertação. (essa etapa foi realizada com o corpo docente)

De que se trata.



Que perguntas interessantes o autor se propôs a responder

Quais os resultados e conclusões mais relevantes.

De que forma podemos utilizar esse kit em outras disciplinas

2 - Relatos de experiência na Escola (ainda com os professores, visto que buscávamos apoio e entendemos que a co-participação com os mesmo seria uma estratégia muito relevante)

Como foi o seu Planejamento

2.1 - Inicialmente, após a leitura da dissertação, fizemos uma breve discussão com os professores com o intuito de conseguirmos apóio e interesse desses pelo Kit, pois achamos muito interessante a proposta da dissertação.

2.2 - Observação dos itens que compõem o Kit, e orientações de aplicação das atividades.

2.3 - Organização dos dias que poderíamos aplicar cada atividade, pois o material foi elaborado para se trabalhar em espaços não formais e na escola (espaço formal) trabalhamos com aulas de 50 min. Cada tempo, por isso foi necessário se fazer uma adequação das atividades, onde sua real aplicação foi planejada para quatro aulas.

3. Como foi a execução

Primeiramente apresentamos o material do Kit na sala dos professores, relatamos que este havia sido confeccionado com materiais muito simples e de fácil manuseio. Fizemos essa apresentação para demonstrarmos que nós mesmos podemos desenvolver materiais pedagógicos simples e muito ricos para melhorarmos as aulas, depois, já com o aval dos professores das disciplinas realizamos as atividades em parceria com os professores que se mostraram interessados, articulamos a essa atividade as disciplinas: Ciências, História, Artes, Geografia e Língua Portuguesa.

4. Quais os problemas enfrentados e quais foram as soluções? .

Nossa maior dificuldade foi a semana de feriados que acabou por gerar uma quebra na aplicação das atividades e também a adequação do material e propostas do espaço informal para o formal. Mas todos os imprevistos foram resolvidos através de diálogo com os professores que nos apoiaram e contribuíram para a adequação a nossa realidade educacional. Gostaríamos de destacar que o apoio do corpo docente foi imprescindível, visto que buscaram de todas as formas minimizar os pequenos obstáculos com uma parceria e cumplicidade incrível. Destacamos esse apoio dos colegas como um dos pontos mais importantes dessa atividade, pois sem a parceria com os professores qualquer proposta por melhor que se apresente torna-se muito difícil ou até mesmo inviável. A atividade estava presente e ia abrindo novos caminhos.

4.1 Aplicação do Kit (Mergulhe mais Fundo)

A atividade foi aplicada na escola municipal onde realizamos nossa pesquisa, com quatro turmas do sétimo ano do Ensino Fundamental. Nessas turmas temos um número de crianças que varia entre 36 a 40 alunos com faixa etária entre 10 e 12 anos. As salas são compostas geralmente de 50% de meninos e 50% de meninas.

Caracterização da turma:

Nessas turmas temos quatro crianças que gostaríamos de destacar:

José de 10 anos, com capacidades acima de sua faixa etária, mas que não foi bem conduzido, apesar de ser muito bom, estudioso, sendo, na maioria das

vezes, incompreendido pelos professores e colegas. Alguns professores dizem que ele atrapalha as aulas e os colegas o veem como um chato;

Alex 12 anos, criança em um processo avançado de fracasso escolar, não se interessa por nenhuma das atividades, não faz as tarefas, vem sempre sujo, sem o uniforme, fica a maioria das vezes fora da sala, pois quase todos os dias é expulso da sala, depois de inúmeras solicitações, sua avó compareceu a escola e nos colocou a par da realidade desse aluno: disse-nos que o pai dele é alcoólatra e que a mãe trabalha fora o dia todo para conseguir o sustento da família composta de sete pessoas (a mãe, pai e mais cinco filhos) e que ela (a avó) tem que cuidar de Alex, seus quatro irmãos e mais três outros netos o que a impossibilita de fazer um trabalho melhor com os netos. Disse inclusive que por ser analfabeta não tem como acompanhar as atividades escolares. Em seu desabafo nos disse que já desistiu de Alex, pois ele já foi expulso de várias escolas, de duas escolas, só esse ano (e olha que ainda estávamos no mês de maio quando ela foi a escola), disse também que se ele for expulso dessa última, não irá mais matriculá-lo em escola nenhuma e que vai deixar ele crescer assim mesmo. Pudemos evidenciar o claro despreparo da família para lidar com os problemas da criança que apresenta um elevado grau de apatia pelas atividades escolares, Alex chega atrasado todos os dias, o primeiro tempo ele já perde e os outros geralmente ele é expulso da sala.

Ronilsom, que começou o ano totalmente desmotivado, não cuidava do material, não realizava as atividades estava totalmente apático, então responsabilizamos José por ele, dissemos a José que ele seria o preceptor de Ronilsom, isso deu tão certo que, hoje, Ronilson chega a tirar notas muitas vezes maiores que José, mas mesmo assim, se Ronilsom não entrega um trabalho, ou falta às aulas é chamado na hora por José. Essa responsabilidade acabou por fazer José se sentir mais útil, é evidente sua satisfação em ser o preceptor de Ronilsom.

Gisele, aluna que já entrou no meio do segundo bimestre muito arredia, não faz as atividades, é uma garota pouco sociável e finalmente:

Jocivam, uma criança que vem a escola com a farda suja, sua blusa está quase sem as mangas, pois as mesmas estão descosturadas. Quando ele levanta os bracinhos, finos e longos, pode-se perceber toda sua axila de fora. Em uma atividade em sala descobrimos que ele não tem mãe (não sabemos ainda se ela

morreu ou simplesmente se foi embora, pois isso é muito comum), é criado pelo pai e pela madrasta. Jocivam evidencia ter uma auto-estimar muito baixa, mas começamos a valorizar seus pequenos avanços, inclusive a porta de nossa sala está quase quebrada, quando fecha é uma dificuldade para abrir e ele é que sabe lidar com a porta, quando não conseguimos abrir, logo ele corre em nosso socorro, abre a porta rapidamente, então elogiamos sua força, mostramos seus músculos (inexistentes), mas isso parece que ajudou bastante na autoconfiança, quando entramos na sala, as vezes não o vemos, (pois apesar de já ter 12 anos, é muito pequeno e raquítico), perguntamos: Cadê nosso filho? E ele rapidamente se levanta e diz: to aqui professora. Inclusive ele já espalhou na escola que é nosso filho.

A Aplicação do Kit Mergulhe mais fundo

Na sala dos Professores:

Primeiramente apresentamos o kit na sala dos professores com nossas colegas, mostrei como era simples de reproduzirmos, pois com exceção do material de medir o PH da água, todos os outros materiais temos na escola ou são de preços muito baixos, o que nos possibilita a reprodução. Todos os professores gostaram muito, inclusive nessa discussão propomos a realização de uma atividade interdisciplinar, tendo como subsídio o Kit, as professoras que toparam as atividades inclusive sugeriram se articular as seguintes disciplinas: Ciências, Artes, História, produção de textos e finalmente geografia.

A aceitação do material pelos professores foi muito gratificante, todos mostraram um grande interesse pelo material.

Na sala de aula:

A atividade se alongou por cinco aulas: no primeiro dia pedimos de antemão que todos fizessem uma pesquisa sobre o tema: **A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA PARA OS SERES VIVOS** e como estamos trabalhando as civilizações antigas, pois somos professora de História, mostramos a importância dos recursos hídricos e a localização das principais civilizações da Mesopotâmia (entre os rios Tigre e Eufrates), o Egito (e o rio Nilo), a Grécia, e outros.

Antes fizemos uma breve recapitulação de todo o conteúdo que já havíamos trabalhado, só então propusemos a pesquisa.

Após esse momento dividimos a turma em equipes, uma ficou responsável de chegar bem cedo para limpar e arrumar a sala, outra iria expor a pesquisa. O grupo responsável pela explanação do tema foi composto por: José, Karine e Lucas, estes ficaram muito satisfeitos com a missão. Mas cada um ficou responsável por uma atividade.

Obs. A curiosidade era evidente, as crianças queriam saber o que havia dentro daquela caixa tão bonita.

No dia seguinte a aula foi um sucesso: a equipe da limpeza já estava na escola quando chegamos, e olha que chegamos às 06h15min da manhã, já estavam a nossa espera inclusive **Jocivam** que mora longe e tem que pegar ônibus. **Ester, Kelissom** e até **Alex**, que no ano inteiro nunca conseguiram chegar no horário, mas neste dia lá estava todo prestativo. Solicitamos a senhora que cuida da organização (dona Lídice) para permitir que as crianças acima descritas fossem para a sala. Ela permitiu, após deixá-los limpando e organizando a sala voltamos e fomos tomar café. Quando retornamos para a sala com as crianças ficamos muito felizes, pois eles haviam organizado a sala realmente como nós o orientamos, o que facilitou nossa atividade.

Iniciamos nos sentando no chão em círculo (ver fotos em anexo), primeiramente solicitamos para ver as pesquisas, poucos não trouxeram, mas mesmo os que não trouxeram prometeram que na próxima aula trariam, em seguida organizamos as equipes. José como sempre muito entusiasmado começou a falar da importância da água, para todos os seres vivos. Nesse momento **Gisele**, aquela garota que não mostrava nenhum interesse começou a participar, falou que a terra é o planeta água, estava muito entusiasmada, inclusive nesse momento foi eleita a responsável pela equipe de redação. **Karine** em seguida falou na importância da preservação dos recursos hídricos, que a água é um recurso finito. Nesse momento todos participaram cada um falou sobre alguma experiência que já teve com o desperdício ou contaminação das águas. Lucas aproveitou o viés e falou nas formas

de contaminação e o que as águas contaminadas fazem na vida dos seres vivos, em especial na dos seres humanos. Mais uma vez a participação das crianças foi muito elevada, inclusive a equipe de redação começou a escrever quem queria falar, pois todos estavam empolgados e queriam de alguma maneira falar de suas experiências, mesmo Gisele (aquela que nunca falava, e nem participava das atividades), mesmo sendo responsável pela equipe da redação, falou, contou que seu pai um dia vinha em um barco e tomou água diretamente do rio e que ele já ficou doente, **Lucas** então explicou o que pode ter acontecido com o pai de Gisele e cada criança deu sua opinião. Infelizmente o tempo de aula acabou e tivemos de deixar para o dia seguinte. Muito embora as crianças dissessem: não professora, não vai embora, continua, a aula está tão boa, mas explicamos que faríamos assim por vários dias até terminarmos a discussão e posteriormente propusemos às crianças que fossem anotando. Nesse fizinho de aula uma criança perguntou: professora qual é o maior rio do mundo, é o Amazonas? Mesmo tendo a resposta, inclusive na dissertação isso é mencionado, solicitamos que todos fossem pesquisar, inclusive, por estarmos às vésperas do feriado de sete de setembro.

Na aula seguinte, sentamos novamente no chão, em círculo, a equipe de organização logo cedo limpou e arrumou à sala, a equipe de apresentação, sempre junta, já foi perguntando se podiam apresentar suas pesquisas. Observamos que todos estavam com seus cadernos nas mãos ou folhas de papel onde estava à pesquisa sobre qual **o maior rio do mundo**, nem mesmo iniciamos a discussão e Jose foi logo o primeiro a dizer que o maior rio do mundo em volume de água era o rio Amazonas, mas em extensão territorial eram o rio Nilo (no Egito) e o Mississipi (nos Estados Unidos da América).

Nesse momento mesmo antes de retomarmos a palavra Gisele disse: Mas o rio Nilo era maior, só depois da construção da barragem de Assua e que ele perdeu esse título. Foi um alvoroço, pois todos queriam falar, dizer o que haviam pesquisado, a equipe da relatoria estava atenta ao que os outros alunos diziam, muitas vezes ficava de pé, ou andava na sala no intuito de ouvir melhor o que os colegas falavam.

A discussão sobre o que os seres humanos estão fazendo com meio ambiente foi bastante acirrada, todos queriam falar, inclusive começaram falando que haviam visto na televisão que seria alterado o curso do rio São Francisco. Aí perguntaram se não isso não iria comprometer o rio, como no caso do Nilo. Aproveitamos para passar o tema da aula seguinte: **pesquisem quantos dias um ser humano pode passar sem água e ainda se há projetos para modificar o rio Amazonas, caso haja. Em que trechos? O que será construído nesses locais? Por que foi proposto esse projeto?**

Antes do fim da aula ainda discutimos bastante sobre a importância dos recursos hídricos para os seres humanos, as crianças não apenas se posicionaram como também foram buscar os livros de geografia e de ciências naturais que falavam do tema relacionado à água, todos procuraram lembrar-se de alguma coisa relacionada ao tema, bem como de que forma a água contribui para a vida dos seres humanos.

Para concluir apresentamos o painel sobre o ciclo das águas, isso causou certo frenesi, pois todos queriam conferir as informações contidas no painel com as de suas pesquisas, e chegaram à conclusão que ambos eram iguais, logo que acabaram realmente chegando aos mesmos resultados, analisaram bastante os desenhos, acharam muito bonitos, nesta ocasião adiantamos o término da atividade, dizendo a eles que iríamos ao final fazer nossos desenhos e também escrever textos sobre nossas pesquisas.

Iniciamos a aula nesse dia com uma breve apresentação da importância do rio Nilo para o povo egípcio, pois nas aulas anteriores em conversas informais essa temática acabou surgindo e percebemos a necessidade de revermos a temática, para tanto orientamos a releitura do capítulo livro sobre o povo egípcio da antiguidade e de que forma se relacionavam com as cheias e vazantes do rio Nilo, bem como a mitologia dos deuses: Ozires e Issis, pois ao analisarmos esse povo ancoramos nossas discussões na mitologia egípcia, todos leram, mas Raissa ficou responsável de apresentar essa revisão, o interessante dessa atividade e que mesmo tendo elegido um aluno, todos se interessaram na leitura, inclusive quando

Raissa se esquecia de relatar algum fato, logo uma criança complementava, inclusive falando dos demais deuses.

Após esse momento iniciamos a apresentação do tema: quantos dias um ser humano pode passar sem tomar água. A equipe responsável pela apresentação: Jose, Karine e Lucas, iniciaram apresentando para a turma o que haviam pesquisado, Karine disse que um ser humano aguenta em média quatro dias sem ingerir água, nesse momento todos queriam, também falar, juntamos a equipe da relatoria, de organizarmos, e estabelecemos uma forma de inscrição para ordenar as falas de cada um, pois muitos queriam falar ao mesmo tempo, ansiosos em demonstrar que também haviam pesquisado. Após a organização dos inscritos, Gisele foi a primeira a falar, lembrando a Karine que esses dias variam de acordo com a capacidade física de cada um, disse que dependendo do estado de saúde do indivíduo ele terá ou não uma resistência maior, podendo resistir se em bom estado de saúde até sete dias, Ester lembrou que outro aspecto que pode influenciar nesse número de dias está relacionado as condições climáticas, lembrando que em tempo mais quente a pessoa morre mais rápido que se em uma temperatura mais amena. Essa colocação gerou uma ampla discussão, lembraram inclusive que haviam visto na televisão que nas regiões Sudeste e Centro Oeste, onde a umidade relativa do ar está muito baixa, há um ressecamento no aparelho respiratório maior e que isso pode comprometer a saúde dos indivíduos.

Outro tema que discutimos ainda nessa aula foi sobre as represa de Assua no rio Nilo, e se há projetos para modificação do rio Amazona. Novamente podemos perceber que a maioria da sala havia se debruçado na pesquisa. Destacamos que muitos nos disseram não ter pesquisado por não terem dinheiro para ir para as Lan Hauses, isso evidencia dois pontos interessantes: Primeiro, a facilidade da pesquisa na internet. Segundo, a pouca facilidade de se utilizar as bibliotecas, pois no caso específico da nossa escola a coisa mais rara é encontrarmos a biblioteca aberta. Essas evidências podem contribuir para uma discussão mais ampla sobre a função das bibliotecas das escolas, pois se for só para se dizer que elas existem, mas não estarem disponíveis, não adianta. Temos que repensar essa realidade. Outro aspecto que gostaríamos de destacar é que a escola tem sala de informática,

inclusive com um serviço de Internet relativamente bom, mas que não está à disposição dos alunos, os obrigando a gastarem dinheiro com as Lan Houses.

A atividade com o **Kit Mergulhe mais Fundo** nos possibilitou a realização de várias outras atividades, inclusive por ter despertado não só nos professores, mas em especial nos alunos, a busca por outras temáticas. A proposta dos alunos foi discutirmos o problema do Bullying, José foi o mais enfático, não apenas mobilizou a turma sobre a importância da questão, mas também fez um brilhante relato de todas as formas de violência física e simbólicas (BOURDIEU, 1992) já sofridas por ele em seus anos na escola, essa inquietação das turmas gerou uma série de possibilidades de aulas dialogadas, estas se realizaram em dias acordados com os professores ou mesmo na ausência dos mesmos¹². Nessas oportunidades produzimos diversos materiais, inclusive histórias em quadrinhos, ocasião em que os alunos abusaram de sua criatividade e do conhecimento a respeito da temática. Essa foi uma das mais gratificantes atividades da pesquisa, pois aproximou professores e alunos. Os professores observaram, ouviram, discutiram e inclusive reconheceram já ter, mesmo que involuntariamente cometido algum tipo de Bullying, em suas vidas, os alunos também, mas o mais interessante de tudo foi terem chegado a conclusão que se pode ter uma convivência mais harmoniosa se todos forem respeitados em suas especificidades, os discentes perceberam através de suas pesquisas que o autor desse tipo de violência, é na verdade uma pessoa insegura, problemática e, muitas vezes, está apenas reproduzindo na escola o que sofre em casa.

A atividade com os docentes foi realizada após todas as discussões e apresentação das crianças, aproveitamos o dia do planejamento para assistirmos o clipe da música da banda Pink Floyd - The Wall. Assistir a esse clipe impulsionou nossa discussão, diversos professores jamais haviam percebido a mensagem do mesmo e ainda foram levados a perceber que muitos de nós professores acabamos por reproduzir em nossas salas de aula, com os alunos, na escola, todas as frustrações, advindas da profissão, sejam essas salariais, afetivas e mesmo pessoais.

¹² - O que não é muito frequente, visto que a escola tem um baixo índice de professores faltosos, o que favorece o cumprimento do calendário e conteúdos acadêmicos.

A atividade, mesmo simples acabou por desencadear nos presentes a percepção de que com relações mais humanas, pautadas na afetividade, todos podem ganhar, inclusive a escola, pois a maioria dos conflitos seja de professor X professor, professor X aluno, aluno X aluno podem ser minimizados através de diálogo, parceria e relações de cumplicidade, levando toda a comunidade escolar a um resultado mais positivo para a real função da escola, que é melhorar a qualidade de vida e da sociedade da qual ela é parte.

Outra atividade que merece destaque foi a semana do meio ambiente¹³, em que tivemos a oportunidade de realizar diversas oficinas com os alunos e professores e nos apresentamos como parte integrante do processo, sempre nas oportunidades que fomos solicitadas nos integramos de forma não apenas como colaborador, mas incentivador e organizador da atividades, com relação aos alunos nessas atividades não trabalhamos apenas com as turmas propostas da pesquisa, mas com a escola como um todo, aproveitamos para observarmos a postura dos alunos das turmas partícipes da pesquisa para observar se nossas discussões sobre a afetividade havia possibilitado nesses uma mudança de atitude, podemos perceber um grau de esforço muito grande por parte desses em minimizar os conflitos com os demais colegas. A observação das atitudes dos alunos nos possibilitou fazer uma comparação entre as turmas envolvidas nas discussões inclusive sobre o Bullying, e as que não haviam passado por tal atividade. Após esse momento em discussão com os professores e a gestora marcamos palestras com toda a escola, para discutir a temática. Pois ficou evidente a mudança de atitude das quatro turmas envolvidas e sua responsabilidade em modificar suas atitudes, gerando menos conflitos na realização das atividades propostas na semana do meio ambiente que aconteceu de 01 à de 05 de junho de 2011.

Este foi um breve relato descritivo das atividades sócio-afetivas desenvolvidas na escola. Acreditamos ter sido uma das grandes experiências de nossa carreira

¹³ - O nível de envolvimento dos professores nas atividades extraclasse é outro ponto que merece destaque a participação de todos é muito evidente, é interessante ressaltar que um dos pontos máximos é a valorização das diferenças, pois cada professor é aproveitado no máximo em seu potencial, cada qual contribui com seus talentos e a soma disso leva a um trabalho realmente de grupo e parceria, todos são envolvidos, ninguém fica de fora.

docente, pois além de testarmos o material didático-pedagógico produzido pelos hoje já mestres e egressos do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências na Amazônia, podemos perceber o quanto a afetividade pode alavancar o processo ensino-aprendizagem, o que será discutido no próximo capítulo.

3. ANÁLISE DOS DADOS, DISCUSSÃO E RESULTADOS

A busca de realizarmos um mapeamento sobre os aspectos afetivos que influenciam e dificultam a aprendizagem a partir do uso de ferramentas pedagógicas produzidas por egressos do Mestrado Profissional de Ensino de Ciências na Amazônia levou-nos a vislumbrar novas formas de se realizar o processo educativo, agora já bem embasado e ao mesmo tempo confortado com um olhar mais positivo no que se refere a podermos contribuir com a melhoria da educação e qualidade de vida dos sujeitos partícipes nessa pesquisa, na qual nos incluímos.

Acabamos por perceber que ao buscarmos responder os objetivos de nossa pesquisa, transformamos e fomos transformados nesse processo dialético que é o pesquisar, pois ao mesmo tempo em que contribuímos para a melhoria da qualidade do ensino na escola, onde se realizou a pesquisa, também fomos transformadas, tocadas de uma forma mais otimista, pois, muitas vezes, apesar de ter uma postura já afetuosa com os alunos, acabávamos por permitir que o germe da desmotivação nos penetrasse.

Apresentaremos de forma bem sucinta os dados coletados ao longo da pesquisa de campo., Para tanto, lançamos mãos de alguns quadros e depoimentos de professores, alunos, pais, direção, ou seja, de diversos atores sociais que tiveram um papel determinante nessa pesquisa, bem como seus relatos, experiências e anseios a respeito dos objetivos propostos.

3.1 CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A AFETIVIDADE COMO ALIADA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Através de entrevistas e conversas informais, obtivemos diversos relatos sobre a visão dos professores a respeito de suas práticas, sempre orientando nossa análise e perspectiva para a questão afetiva. Apresentamos os resultados em forma de pequenos relatos, objetivando elucidar e ao mesmo tempo esclarecer se a afetividade ancora ou não as práticas dos professores da disciplina Ciências Naturais e como estes representam suas práticas pedagógicas frente aos alunos.

Para pinçamos a concepção dos professores sobre a afetividade nos pautamos inicialmente na elaboração de uma síntese descritiva das atividades elaboradas a partir da utilização das ferramentas pedagógicas elaboradas pelos egressos do Mestrado profissional do Ensino de Ciências na Amazônia. Em especial o kit Mergulhe mais Fundo, produzido pela Mestra Adriana Araújo Pompeu Piza, a partir dessa atividade realizamos uma coleta de dados em que foi privilegiado o relato verbal dos participantes.

OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE O KIT PEDAGÓGICO

Inicialmente, logo nos primeiros dias da coleta de dados, apresentamos o kit Mergulhe mais Fundo os professores da escola onde o trabalho foi realizado, nosso principal desafio foi conseguirmos o apoio e aceitação dos professores, por isso todas as atividades realizadas tiveram, antes, uma negociação com os professores, não apenas com os da disciplina Ciências Naturais, mas com os de todas as disciplinas, pois sem esse apoio é impossível a realização de um bom trabalho de pesquisa. Pelo menos no nosso caso, pois não nos pareceu adequado trabalhar a temática afetividade isolados dos sujeitos responsáveis pelo sucesso ou fracasso de qualquer trabalho, ou seja a parceria dos professores e de toda a comunidade escolar foram fundamentais em nossa jornada.

No decorrer das atividades realizadas, já descritas no capítulo anterior, nos debruçamos em coletar as impressões de professores e alunos, não apenas sobre a importância da utilização do recurso pedagógico, mas na verdade utilizamos o kit na intenção de realizarmos atividades apoiadas em materiais pedagógicos de fácil elaboração.

Na sequência temos a opinião da professora de Ciências Naturais do turno matutino – a professora Tereza¹⁴ em relação ao kit e a sua visão sobre a importância da afetividade nas relações que permeiam o processo ensino aprendizagem.

¹⁴ - todos os nomes aqui apresentados são fictícios, pois buscamos preservar a identidade dos participantes, tanto professores como alunos.

Professora Tereza:

“O material é muito simples e fácil de se elaborar, inclusive podemos a partir dessa ideia confeccionarmos diversos materiais para trabalharmos todo o conteúdo programático de ciências, vou inclusive realizar uma atividade com os alunos do sétimo ano sobre a classificação dos seres vivos, pois com esse modelo posso trabalhar com os materiais que temos disponíveis aqui mesmo na escola. Dessa forma acredito que vou poder despertar nos alunos não apenas o interesse pelo tema, mais eles próprios ajudando a confeccionar o material, podem ter um maior interesse pelo tema”.

Pude acompanhar essa atividade, foi muito interessante, pois a aula tornou-se uma festa. A professora montou equipes, cada uma responsável por uma atividade, todos muito empolgados por estarem eles próprios produzindo seu material de estudo. Pode-se dizer que a produção do material sobre a classificação dos seres vivos levou os alunos das três turmas do sétimo ano matutino a um processo não apenas de confecção do recurso pedagógico, mas a uma espécie de gincana bem positiva, digo positiva, pois apesar de haver um espírito de competição entre as turmas, esta era uma disputa bem sadia, a professora Tereza conduziu de forma bem harmônica a realização dessa atividade. Os alunos por sua vez se esmeraram em pesquisar e trouxeram figuras para a elaboração dos cartazes e painéis.

Em relação a afetividade, a professora Tereza assim se pronunciou:

“A ideia de confeccionarmos nossos próprios materiais foi muito boa, é incrível como a partir de uma ideia tão simples como a elaboração desse kit podemos gerar em nossos alunos tanto interesse, inclusive de pesquisa, tenho certeza que essa aula sobre a classificação dos seres vivos não teria sido tão bem aceita pelos alunos se eu tivesse utilizado apenas o livro didático e a apresentação no quadro, já trabalho com esse tema há vários anos, mas nunca percebi tanto prazer nas crianças, associado ao tema. Gostei muito dessa ideia.”

A professora Tereza realmente pareceu gostar muito do resultado do trabalho, me disse inclusive que pretendia realizar outras atividades com a mesma metodologia. Apontou como uma das limitações para realizar esse tipo de atividade, além do tempo muito curto (pois as aulas têm apenas 50 min). O que é insuficiente para a realização da atividade, pois nos dias que realizou a atividade acima descrita ela pediu o tempo de outro professor para continuar a atividade. Outro empecilho para a realização de atividades desse porte é a inadequação do espaço físico, como

já apresentei anteriormente a escola não apresenta condições favoráveis para trabalhos em equipe, a escola ainda é construída para as aulas tradicionais, onde os alunos ficam enfileirados. A professora ainda destacou como fator dificuldade para esse tipo de atividade a imensa quantidade de conteúdos que tem que cumprir ao longo dos bimestres, pois tem que seguir seu planejamento, não podendo fugir dessa exigência.

Relato da professora Sônia.¹⁵

“Esse material é muito interessante, com pequenas adequações posso utilizar para as aulas teóricas, de forma que dá para se trabalhar com a idéia em todas as disciplinas, pois a partir desse pode-se realizar uma elaboração inclusive interdisciplinar. Uma vez que eu trabalho diversos temas bastante próximos dos conteúdos trabalhados em ciências naturais, inclusive na temática ligada ao corpo humanos e seu desenvolvimento.”

O relato da professora Sônia foi muito gratificante, pois desde o início do trabalho busquei essa articulação entre as disciplinas, pois é bem evidente que a maioria dos professores mesmo trabalhando temas e assuntos complementares, acaba não planejando e realizando atividades interdisciplinares, compartimentalizam de tal forma os conteúdos que acabam por perder essa possibilidade de realizarem atividades em parceria com os outros professores. De certa forma prejudicando os alunos com aquele ensino cartesiano, totalmente fora da realidade e contexto vivenciado pelos alunos. Acredito e em conversa com os professores discutimos a possibilidade de articulação entre os conteúdos e disciplinas. Nessa discussão a professora supracitada foi de fundamental importância.

Outro sujeito da pesquisa a se manifestar foi a professora Joana¹⁶. Em seu relato ela diz:

“Com esse material, dá para se fazer muita coisa, inclusive para o ensino de matemática que os alunos não gostam muito, demonstram pouco interesse pelas aulas, mas vou pegar a idéia e montar meus kits.”¹⁷

¹⁵ - Professora de Educação Física, estava apenas substituindo a professora titular que se encontrava de licença prêmio, atualmente essa professora é gestora de uma escola também na zona oeste.

¹⁶ - Essa professora é graduada em Normal Superior pelo Proformar da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mas trabalha com as disciplinas Ciências e Matemática do sexto ano do Ensino Fundamental.

¹⁷ - A professora Joana é muito criativa, apesar de não ter a formação específica para as disciplinas que trabalha, é muito experiente, suas aulas são bem alegres, afetuosas, ela é a personificação do afeto, muito querida por toda a comunidade escolar. Participa ativamente de todas as atividades extra classe, sendo inclusive a costureira, maquiadora, tudo que for possível ela faz, muitas vezes comprando materiais com seu próprio recurso. É uma pena que já vai se aposentar, a escola e a educação perderão muito com sua saída.

Todos os relatos a respeito do kit *Mergulhe mais Fundo* foram muito positivos, mesmo os professores que detectaram pequenas falhas e pontos onde se pode melhorar, apontaram que sua principal contribuição naquela escola havia sido passar a ideia de uma forma de elaboração de recurso pedagógico que tanto era fácil de ser confeccionado como trazia uma intencionalidade de tornar as aulas mais prazerosas.

Para o Professor José, o uso do Kit foi gratificante. Esse professor a pouco concluiu um curso de especialização, sendo muito participativo nas atividades extra classe, principalmente as que apresentam pequenos espetáculos. Ele sempre fica responsável pela maquiagem e pintura dos alunos, mesmo sendo professor de geografia, sempre contribui de forma efetiva em todas as atividades da escola, buscando a articulação entre as ciências. Segundo ele:

“É curioso como precisamos discutir mais a educação entre nós e com nossos colegas, apesar de ser professor a tanto tempo acabei aprendendo muito com nossas conversas, além de aprender que com isso. Podemos com uma ideia tão simples melhorar nossas aulas, motivar nossos alunos e a nós mesmos, já que a rotina acaba por nos deixar até discrentes na educação. E de repente utilizamos algo simples e ao mesmo tempo possível de ser realizada com resultados positivos. Isso nos leva a melhorar e até nos articular mais”.

O depoimento tão singelo do professor José nos levou a perceber que realmente a rotina, aquele modo cristalizado de conhecimento, nosso arcabouço teórico acaba por nos remeter a um processo letárgico de conhecimento, onde não abrimos mais a possibilidade de discussão nem com nossos pares, muito menos com nossos alunos e a partir de uma ideia tão simples, não apenas de elaboração, mas sobretudo, de diálogo com nossos pares percebemos que se pode contribuir para a saída desse marasmo com conversa, troca de experiências e por que não articulação entre as ciências e conteúdos, pois apenas na atividade de apresentação do Kit, surgiram diversas propostas de articulação de atividades. Esse depoimento nos remeteu a uma análise sobre o propósito de compartimentalização do conhecimento, e ao mesmo tempo rever e repensar formas de nos impormos a ele.

Outra professora que muito contribuiu na discussão foi a professora Rosana¹⁸, essa professora por trabalhar com as disciplinas Arte e Educação e Ensino Religioso, mas por não ter formação na área, se posiciona sempre de forma muito receptiva, bem aberta para contribuições que possam melhorar suas aulas. Com relação ao recurso pedagógico seu posicionamento foi o seguinte:

“Acho muito bom quando são trazidas para a escola propostas desse tipo, muito fáceis de fazermos, mas ao mesmo tempo de uma riqueza, já que se pode pensar a partir dessa perspectiva muita coisa para se trabalhar na escola. Na disciplina arte posso realizar diversas atividades com meus alunos, até porque temos no depósito muito material e dessa forma melhorar nossas aulas, torná-las mais práticas, e isso é que os alunos gostam...”

O depoimento da professora Rosana é bem condizente com sua prática, pois ela sempre está buscando formas de melhorar suas aulas, traz ideias, livros, revistas, tudo que pode usar para dinamizar seus conteúdos, apesar de sua formação não ser a exigida pela LDB¹⁹, mas ela é bem comprometida como a maioria dos professores, inclusive gostaríamos de registrar que de todos os professores envolvidos na apresentação do Kit, apenas um não se posicionou, não demonstrou nenhum interesse e nem se apresentou como interessado em sua utilização. Mas este professor já tem um histórico bem negativo, com toda a comunidade escolar, dos alunos até as pessoas responsáveis pelos serviços gerais, ele é aquele exemplo e personificação da negatividade, todas as ideias apresentadas ou ele diz que já tentou, ou que os alunos não tem mais jeito. Que de nada adiantará ele tentar. Na verdade ele é o verdadeiro Hardy²⁰. Por mais motivada que se esteja só de conversar com esse professor a pessoa fica totalmente desestimulada, ele a leva a crer que a educação, os alunos, o mundo, etc. não tem mais jeito.

¹⁸ - Essa professora ministra as disciplinas: Arte e Educação e Ensino Religioso, sendo graduada em Normal Superior (pelo Proformar) da Universidade do estado do Amazonas (UEA).

¹⁹ - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – 93-94-96 de 20-12-1996.

²⁰ - Hiena Personagem do desenho da Hanna Barbera que sempre diz: "Oh dia, oh céus, oh azar, eu sabia que não ia dar certo" Lippy the Lion & Hardy Har Har, aquela hiena pessimista, chamada Hardy, amiga do Leão Lippy The Lion". Muito assistido nos anos 80. fonte: [Hannabarbera](#)

Mas com exceção desse professor, os demais foram muito receptivos, colaboraram não apenas nas discussões a respeito do material pedagógico, como se colocaram a disposição de novas reuniões.

OPINIÃO DOS PROFESSORES QUANTO A CONTRIBUIÇÃO AFETIVIDADE COMO ALIADA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Com relação a essa pergunta, todos acreditam que uma relação mais afetuosa contribui para uma aprendizagem mais prazerosa e efetiva, porém ao serem realmente questionados e ainda através de uma observação participante e um acompanhamento, mais próximo pode-se perceber que nem sempre as relações são pautadas na afetividade, por diversas vezes percebemos relações entre professor e aluno bem tensas e tradicionais, por que não se dizer até bem ríspidas. Entretanto, em seus depoimentos podemos observar que realmente percebem a necessidade de uma relação mais afetuosa com seus alunos. Com relação a isso a professora Maria²¹, nos disse:

“Procuro sempre ter uma relação bem cordial com meus alunos, mais há dias em que estão muito agitados, e acabo perdendo um pouco a paciência, mas mesmo assim busco sempre ter com eles conversas, principalmente quando vamos produzir textos, vejo que muitos alunos apresentam uma carência afetiva elevada, dessa forma acredito que com uma relação mais próxima a eles podemos ser vistos como parceiros, capazes de contribuir com sua formação para a vida adulta.”

Ao observar a conduta dessa professora, fica bem claro seu comprometimento, não apenas em seu depoimento, mas a sua prática é muito boa ela juntamente com outros professores de língua portuguesa e artes realizam um projeto de leitura bem interessante, apoiado em uma canoa cheia de livros, vão de sala em sala buscando despertar o interesse pela leitura. O que nem sempre é possível quando elas chegam as salas, os alunos escolhem geralmente livros apenas com figuras ou com pouco texto, o olhar de tristeza delas é bem interessante, mas sabem que uma mudança de hábitos requer tempo, investimento, paciência e perseverança e isso o grupo tem de sobra.

²¹ - Professora de língua portuguesa, da escola há vários anos, é graduada em Letras pela UFAM, e atualmente cursa uma pós graduação, também na UFAM.

Já a Professora Janaina²² contribuiu como nossa pesquisa como o seguinte depoimento:

“Sempre procuro fazer meu trabalho da melhor forma, tenho uma relação cordial, mais relativamente distante, não gosto muito de agarrado porque alguns alunos confundem amorosidade com liberdade e acabam não mais respeitando, e para mim o respeito na sala de aula é tudo.”

Essa professora é bem mais tradicional, não que ela seja ríspida com seus alunos, mas é mais distante não dá muita liberdade na relação professor x aluno, em seu depoimento podemos observar que um dos motivos por ela apresentados é o temor de perder o respeito em sala de aula, mas com relação a isso Piaget (1996, p.05) nos diz que se pode estabelecer dois tipos de relações com as crianças, as quais ele chama de: O respeito unilateral e o respeito mútuo. Com relação a esses dois tipos de respeitos ele preceitua:

[...] esses dois tipos de respeito que nos parece explicar a existência de duas morais, cuja oposição se observa sem cessar nas crianças. [...] uma o dever mais primitivo (unilateral), assim resultante da pressão do adulto sobre a criança, permanece essencialmente heterônomo. Ao contrario, a moral resultante do respeito mútuo e das relações de cooperação pode caracterizar-se por um sentimento diferente, o sentimento do bem, mais interior à consciência e, então, o ideal da reciprocidade tende a tornar-se inteiramente autônomo (1996, p.05)

Dessa forma, como nos apresenta o autor, podemos realmente pautar nossas ações nas relações mútuas e dessa forma obtermos uma relação bem afetuosa com nossos alunos, mas sem comprometer esse respeito citado pela professora Janaina, é evidente que os alunos, principalmente os adolescentes apresentam um elevado grau de cuidado nas relações, mas mesmo assim acreditamos valer a pena, pois tudo melhora, em especial o envolvimento dos alunos com as disciplinas, quando professores se apresentam de forma mais calorosa.

²² - É professora de Língua Portuguesa, graduada pela UFAM – também participa do projeto Navegando na Leitura. Está em fase de aposentadoria.

Em relação ainda a questão em tela , outros professores se posicionaram. O professor João assim se pronunciou:²³.

“Vejo que uma relação mais próxima dos alunos ajuda muito, até porque podemos entender quais seus principais anseios e dessa forma buscamos realizar nossas aulas de forma mais atraente, venho usando inclusive como forma de atraí-los a informática, lá eles se colocam mais, falam que é bem diferente daquela aula só no quadro, eles copiando e não dizendo nada, e isso só foi possível a partir do momento que eu resolvi baixar a guarda e ouvi-los, sei que eles estão mais interessados, a maioria faz todos os trabalhos, inclusive os de pesquisa, vejo que as relações afetivas contribuem de forma bem direta para a melhoria, não apenas dos alunos, mas de nós mesmos, estou me sentindo menos frustrado, depois que me aproximei dos meus alunos, tenho mais vontade de vir a escola, pois sei que eles estão valorizando as aulas.”

O relato do professor João é bem interessante, pois ele percebe que a afetividade, não apenas melhorou o processo ensino aprendizagem, mas, sobretudo que ele próprio melhorou enquanto professor e pessoa, que sua vontade de vir a escola, de trabalhar foi qualitativamente melhorada através desse relacionamento mais afetivo com seus alunos, inclusive no que se refere ao interesse pelos conteúdos.

Outra professora que contribuiu com nosso estudo foi a professora Sonia.²⁴ que enfatiza:

“Ainda, apesar de já ser professora a mais de vinte anos, não havia analisado a necessidade, ou mesmo minha relação afetiva com os alunos, talvez por minha formação ser bem tradicional, fiz magistério no IEA (Instituto de Educação do Amazonas), lá nós aprendíamos muitas coisas, técnicas, trabalhos manuais, etc. mas a questão da afetividade, parece ficar encoberta no receio de se perder o tão falado e valorizado, naquela época, respeito e domínio de sala. Sabe colegas, naquele tempo nossa formação era bem diferente de hoje, não que desmereça suas qualidades, mas a super valorização da disciplina, muitas vezes nos fazia não perceber a necessidade de amor e afeto com os nossos alunos”.

No depoimento da professora Sônia, podemos perceber a clara elaboração de sua condição ontológica, sua formação e lembranças de uma educação que tendia a separar professor e aluno, pois os professorandos já recebiam uma formação que os

²³ - Esse professor está na escola a pouco tempo, mas já vem realizando um trabalho bem efetivo, por ter muito domínio em informática, vem utilizando a sala de computação como sua aliada, inclusive para motivar os alunos a terem interesse na disciplina, a disciplina ministrada por ele é geografia.

²⁴ - essa professora é fantástica, muito amiga, solidária além de ser genial no que se refere a trabalhos manuais. É graduada em Normal Superior (PROFORMAR) e leciona as disciplinas Arte na Educação e Ensino Religioso.

direcionava para uma postura de distanciamento da realidade social, de forma que a educação recebida pelos futuros professores os levava a essa condição fria diante da realidade.

Com relação a essa temática, Eugênio Cunha (2010, pág. 23), nos alerta:

Durante anos, a escola permaneceu engessada em uma cama, com tudo ao seu redor utrapassando-a em uma velocidade díspar. Ela ajudou a construir o desenvolvimento social, tecnológico e humano, sem, entretanto, conseguir acompanhá-lo. Exigia de nós educadores, um esforço bem maior para atualizá-la às mudanças que reordenaram o tempo e o espaço.

É interessante perceber essa realidade da escola, seu relativo “atraso” frente a realidade social. Mas adiante ainda na mesma obra o autor nos apresenta:

Não que a escola não fosse capaz de amoldar-se às mudanças, mas tornou-se pungente o fato de que, em certo modo, ela foi sempre uma reprodução do modelo da sociedade dominante, uma reprodução do poder que veio para contrapor-se às desigualdades, todavia as legitimou, veio como uma alternativa à dominação vigente, mas a reproduziu, criando novas vias de alternativas, porém caminharam pelas antigas, reproduzindo o mesmo amálgama que pretendia substituir. Isto porque não se fundamentou naquilo que é essencial à educação, como recurso do homem à superação de si mesmo e de seus limites em busca de igualdade: o amor (CUNHA, 2010, pág. 29).

Cunha, nos apresenta essa visão de distanciamento e ao mesmo tempo de frieza da escola frente ao amor e afeto, de forma a existir esse distanciamento entre escola e sociedade.

Ainda com relação à questão de distanciamento e frieza da escola frente aos problemas apresentados pelos alunos, o aludido autor nos diz:

Percebe-se que quando se fala em fracasso na educação, é porque durante décadas o afeto ficou fora da sala de aula, proporcionando o tecnicismo, a dicotomia entre razão e emoção, o reducionismo arbitrário e a aferição do valor do conhecimento mais pelo seu individualístico poder de trânsito no mundo do que pelo seu poder de satisfação pessoal no compartilhar dos saberes (CUNHA, 2010, pág. 30).

Outro professor que se posicionou frente a essa discussão foi o professor Paulo²⁵, que tem uma prática em sala de aula bem afetuosa, muitas vezes, sua paciência com os alunos é surpreendente, pois somos acostumados, mais com professoras nesse segmento da educação, mas esse professor é bem surpreendente no que se refere a atuação em sala de aula e ainda seu relacionamento com os colegas e demais membros da comunidade escolar. Diante do questionamento sobre a importância da afetividade na educação esse nos respondeu:

“Procuro sempre ter uma relação bem próxima de meus alunos, mesmo tomando muito cuidado para não ser confundida a afetividade, com aliciamento, vemos com muita frequência denúncias a respeito de aliciamento e por isso tenho muito cuidado, nem sempre relações afetuosas são bem interpretadas, penso que aprendemos a pensar assim, e dessa forma tomo todos os cuidados, para me precaver desse tipo de coisa, mas enquanto professor, pai, e cidadão vejo que uma educação fria, distante dos alunos deve ser evitada a qualquer custo.”

A observação do professor Paulo foi muito pertinente, visto que essa representação social e distorção da realidade são bem comuns entre a sociedade, diversos aspectos apontam para essas colocações de forma que devemos realmente ter muito cuidado com a confusão entre afetividade e excesso de liberdade, ou até mesmo assédio sexual, inclusive quando se refere a professores do sexo masculino. Inclusive já presenciamos um fato em que o professor foi impedido de trabalhar na Educação Infantil por ser do sexo masculino. A diretora utilizou como desculpa é que as crianças pequenas precisam ser acompanhadas

²⁵ - Esse professor é graduado em Normal Superior (PROFORMAR), ministra aulas para o primeiro segmento do Ensino Fundamental, mais precisamente para o terceiro ano (antiga segunda série), e ainda auxiliar na coordenação pedagógica no turno matutino.

pelo professor quando necessitam ir ao banheiro e esse tipo de atividade feita por um homem não ficaria bem.

Mas, mesmo tendo esse cuidado, o professor, supra citado, reconhece a importância e a necessidade da afetividade entre professor e alunos como um facilitador do processo ensino aprendizagem, e pode-se perceber em sua prática que isso não é apenas discurso, que em verdade ele realmente se relaciona de forma harmoniosa com seus alunos, e em especial que sua prática pedagógica está permeada de afetividade, desde o momento da organização das crianças na fila, até mesmo na hora do recreio. Muitas vezes, ele ainda está lanchando quando acontece algo com seus pequenos, ele larga tudo e vai ao seu socorro.

Esse tema gerou o posicionamento do professor André²⁶, também do primeiro, segmento do Ensino Fundamental, no caso é professor do quinto ano (antiga quarta série), segundo ele:

“Vejo a questão da mesma forma que o Paulo, busco fazer um bom trabalho, principalmente no que se refere a questão do ensino, mas uma das minhas maiores dificuldades no processo ensino aprendizagem e na necessidade de afeto, cuidado, paciência. Outros fatores que interferem de forma direta nesse processo são a quantidade de alunos que tenho e o nível, pois muitos chegam ao quinto ano, acreditem, sem saber nem ao menos ler, dessa forma tenho que me esforçar ao máximo, mas mesmo assim nem sempre consigo. Acredite, muitas vezes fico frustrado por saber que não consegui fazer um bom trabalho, e em relação a afetividade, reconheço que, as vezes, a quantidade de trabalho me deixa um tanto distante dos alunos, não tendo para com eles muita paciência e muito menos afeto e amor para com eles.”

Percebemos na contribuição do professor André, mais um desabafo, pois mesmo ele reconhecendo que com relações mais afetuosas pode-se fazer um melhor trabalho, nos apresenta uma realidade, ou seja, muitas crianças chegam no quinto ano, no sexto ou até no sétimo ano sem estarem na verdade alfabetizados, essa é a realidade de uma grande parcela dos educandos, não sabem escrever, ler, na maioria das vezes apenas copiam de forma capenga e equivocada. Falta competência leitora e escritora aos nossos alunos, sendo realmente, como muito bem o professor André nos coloca, muito difícil se fazer um bom trabalho, deixando o professor realmente frustrado, desmotivado, sem paciência o que obviamente

²⁶ - Esse professor não tem formação superior, apenas o magistério, mas atua como docente, mesmo contrariando os preceitos da LDB - 93/94/96 de 20/12/1996

dificulta essa interrelação entre professor e aluno, essa parceria, pois um professor frustrado realmente não tem como realizar um bom trabalho.

Esse desabafo propiciou uma boa discussão com os demais professores, a professora Janaina, falou de um aluno que tem, não nessa escola, mas na escola que trabalha no turno vespertino, que não sabem nem escrever seu nome, e ele não tem um nome estrangeiro, difícil de se escrever, mas um nome bem simples, seu nome é Antônio, e mesmo assim segundo a professora ele o escreve errado. Mesmo já se encontrando no sexto ano do Ensino Fundamental (antiga quinta série).

Esse momento acabou sendo um pouco tenso, pois os professores acabaram por perder a clareza que a culpa não é de seu colega da série anterior, mas de uma gama de fatores que acaba fazendo o professor aprovar o aluno sem esse ser alfabetizado. Dessa forma os colegas acabaram por culpabilizar as vítimas, que no caso são os professores e alunos e não perceberam que o vilão é o sistema educacional, que para camuflar a realidade acaba por “obrigar” o professor a empurrar o aluno para a série seguinte, mesmo sem esse apresentar condições cognitivas para isso.

Mas, mesmo com a tensão gerada durante a conversa fazemos uma reflexão a respeito de nossas práticas, não buscando culpados, mas nos apoiando em referenciais como o de Cunha (2010, p.. 51):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção com o aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

O autor nos remete a uma visão bem diferente daquela do professor André, que apesar de entender, acreditar, segundo ele, procurar sempre ter uma postura afetuosa, mas a percebe como algo que dá trabalho, até mesmo difícil de realizar, já

o autor nos coloca, ser ela um instrumento facilitador, aliado em qualquer circunstância. Apresentamos esse autor após a conversa para o professor, no intuito de diminuir sua angústia e possibilitar a ele um maior esclarecimento sobre o fato.

Os depoimentos, e a observação do cotidiano escolar, da vivência dos professores, seu relacionamento com os alunos e colegas nos possibilitaram perceber que uma parcela bem representativa dos professores percebe e faz da afetividade um instrumento facilitador da aprendizagem.

3.2 RELATO DOS ALUNOS SOBRE A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PRÁTICA DE SEUS PROFESSORES.

Antes de iniciarmos as atividades com o kit *Mergulhando Bem Fundo*, propomos uma conversa informal com os alunos no intuito de percebermos como estes percebem as práticas pedagógicas de seus professores e se há uma interação afetiva entre eles e o corpo docente. Essa atividade se estendeu durante as cinco aulas que tivemos com os mesmos, utilizando o recurso pedagógico do referido kit..

Ficou bem evidente nos relatos dos alunos suas visões e seus posicionamentos, as vezes tímidos, a respeito da relações afetivas. Podemos perceber que tal problemática está diretamente ligada ao interesse dos alunos, não só pelo interesse pelas disciplinas, mas também pelos conteúdos.

Esse diálogo se deu de forma bem descontraída, ocasião em que todos estavam sentados no chão em círculos (ver fotos em anexo) e foram se posicionando, falando de suas impressões e angústias, ao mesmo tempo em que demonstravam suas opiniões e perspectivas a respeito do que esperavam nas relações sociais e afetivas frente aos seus colegas e professores. À medida em que conseguiam verbalizar suas angústias iam, ao nosso ver, a partir do diálogo, exorcizando de certa forma suas angústias existenciais..

A conversa foi conduzida de forma a permitir que todos que quisessem falar, se posicionassem de forma organizada, sempre esperando o término do posicionamento de colega, pedindo a palavra, levantando o dedo. Para essa

metodologia elegemos um grupo de relatores que copiavam as perguntas e respostas, uma mediadora e um organizador.

As colocações foram as seguintes.

O primeiro aluno a pedir a palavra foi José, que com muita simplicidade falou o seguinte:

“Gosto de ser bem tratado, mas as vezes acho que o professor X, não gosta muito de mim, toda vez que vou falar ele faz de conta que não me viu. Será que é porque sou baixinho” ?

Tal depoimento provocou risos na sala.

José é um aluno muito interessado, mas pouco compreendido tanto pelos colegas, quanto pelos professores, esse aluno apresenta um elevado grau de conhecimento, é realmente pequeno, pois tem apenas dez anos, apresenta vários indícios que tenha altas habilidades, mas foi mal conduzido e, muitas vezes, percebe-se que ele está angustiado, sempre pedindo a palavra.

Na sequência, Geslane fez uso da palavra:

“Gosto de todos os professores, apesar de alguns não gostarem de mim, mas sei que eles gritam porque estão cansados”.

O relato da aluna é bem preocupante, vemos que mesmo gostando dos professores ela percebe seus problemas e até os justifica, mas apresenta preocupação no tocante a acreditar que não é querida pelos professores.

Outro aluno levantou o dedo, era Edson, dizendo:

“Pra mim tanto faz. Fico no meu canto, quieto e nem ligo. Mas gosto que fale bem comigo”

Observa-se em Edson um comportamento apático, não gosta de falar, só se posicionou devido a insistência dos colegas, Nas aulas ele participa muito pouco, mas não incomoda, como ele mesmo disse que é praticamente um aluno invisível.

Seu desempenho pedagógico é bem baixo, tira sempre as notas mínimas, mas consegue a média, preconizada pela secretaria e vai passando de ano.

Depois foi a vez de Airton:

“Aqui os professores são bons, eles não gritam muito, lá na minha outra escola, os professores gritam e chamam nome pros alunos e a diretora nem liga. Aqui to gostando.”

Esse aluno veio transferido de uma escola de outra zona, em seu discurso percebemos que ele está gostando do tratamento dos professores, parece até estranhar, pois em seu relato vemos ser acostumados com professores estressados. E os da escola escolhida como campo da pesquisa em sua maioria buscam tratar os alunos de forma mais afetuosa e acolhedora. O relato desse aluno, nos possibilitou perceber sua capacidade de comparação e ao mesmo tempo de análise.

Estela, outra participante do grupo, disse apenas:

“Eu gosto de todos”

Estela tem dislalia, fala pouco e quando fala os colegas riem dela, pois apesar de já estar uma mocinha ainda fala como uma criança de aproximadamente quatro anos, esse problema está refletindo inclusive em seu desempenho acadêmico, suas notas são muito baixas, ela é bem desinteressada. Os professores já conversaram inúmeras vezes a responsável dessa criança, ela mora com a avó com seus outros dois irmãos mais velho. Segundo relato dessa avó a família também a ridiculariza, o que pode estar contribuindo de forma direta ou indireta para seu comportamento tão apático, seu isolamento. A falta de entrosamento com o grupo é bem evidente, se limita a responder e sempre em voz bem baixa, quando ela fala quase não se entende, talvez seja esse o objetivo dela falar tão baixo, realmente evitar que os colegas ouçam o que ela fala. Quem sabe uma forma de se esconder atrás da voz ou esconder a própria voz para evitar novos constrangimentos.

Após, Estela, André²⁷ pediu a palavra e disse:

“Gosto de ser bem tratado, mas sei que não mereço, não estudo, não faço a tarefa nem nada, por isso acho que não gostam de mim.”

É interessante o processo de fracasso que se encontra essa criança, Ela só resolveu falar pela pressão dos colegas, mas em suas poucas palavras fica evidente sua baixa auto-estima, ele já se culpabiliza de primeira, por não ser bem tratado, inclusive como já foi descrito anteriormente ele quase sempre é expulso de sala, fica vagando nos corredores fazendo cada vez mais bagunça. Algo precisa ser feito por esta criança, se não com certeza seu futuro estará bem comprometido.

Esse aluno merece uma atenção especial, pois seu processo de fracasso escolar é inevitável se ele continuar nessa situação. Observamos que ele é, muitas vezes, evitado pelos colegas, talvez pelo seu histórico, pois sempre está envolvido em bagunça, mesmo quando não foi ele que fez a estripulia, todos já o incriminam.

Timóteo, também pediu para falar, mas disse que queria falar sobre o Kit, e não sobre os professores, pois a respeito disso disse não saber responder. Mas quanto ao recurso pedagógico falou:

“Gostei, achei bonito, parece que fiquei mais interessado, porque é bem bonito e animado, a caixa é bonita, gostei dos tracajazinhos, mais acho que era melhor a brincadeira se tivesse premio, eu ia gostar mais”

No depoimento de Timóteo fica claro a questão da recompensa, do estímulo resposta tão utilizado com a articulação do comportamentalismo, da operação experimental, da valorização do reforço, da visão skineriana, articulados a educação tradicional, ver-se que mesmo nessa geração dita mais moderna, ainda encontramos esses traços marcantes do estímulo para se obter a resposta. Mas na fala de Timóteo percebemos outra característica do recurso pedagógico, que nas palavras do aluno ficaram bem mais evidentes, ou seja, o que o Kit nos traz de mais interessante é a ideia, não o material em si.

²⁷ - Falei dessa criança ao descrever a atividade com o recurso, é uma criança que requer um cuidado especial, pois é evidente sua condição de vulnerabilidade.

Outro aluno que fez questão de posicionar-se foi Jocivam²⁸, ele nos disse:

“Gosto de todos meus professores, só um é que não gosta de mim, mas fico quieto na aula dele, e ele nem me ver, isso não é problema para mim, mas gostei muito dessa aula, com a caixa bem bonita, a aula eu entendi melhor, até os outros assuntos, gostei muito, mais ainda do jogo, também acho que com premio fica melhor, que a gente tem mais vontade e força para aprender sabendo que vai ganhar alguma coisa, quando acerta, até o tracajzinho, pra mim tava bom.”

Nesse depoimento também fica evidenciado os resquícios de nossa educação tradicional, pautada nas recompensas, sempre destacando mais os alunos que acertam mais e até ridicularizando os de baixo desempenho, aqui se percebe a supremacia da valorização dos que mais sabem, a respeito do conteúdo, não se valorizando os erros que diversos autores apontam como altamente pedagógicos.

Após Jocivam, Laila, pediu a palavra e disse:

“Gosto muito dos professores, vim de outra escola, lá era muito ruim, minha mãe, só vivia lá, porque era muito ruim, os professores brigam, chamam nome e ninguém nem liga, minha mãe ficou muito feliz quando ela conseguiu a vaga aqui, aqui é o céu, tem professor, aula, merenda e eu não sou maltratada”

Quando se trata de alunos novatos, como é o caso de Laila, fica evidente a qualidade e representação social dos alunos e pais a respeito das qualidades da escola, pois mesmo com os problemas apontados e sua realidade física, ela é bem vista e disputada pela comunidade, várias crianças moram em bairros relativamente distantes, mas os pais preferem pagar o ônibus a tirarem seus filhos da escola, e isso é devido o seu corpo pedagógico ser bom, pois busca sempre driblar as dificuldades, é bem motivado e na medida da sua possibilidade se esforça para fazer um bom trabalho, mesmo com as exceções.

Antônio falou:

“Também não quero falar dos professores, gosto de todos, mas gostei muito dessas aulas com a caixinha que a Sra. trouxe, ela faz a aula ficar bem mais legal, fiquei até interessado, fiz pesquisa, procurei nos livros que tem lá em casa, sabe

²⁸ - Também já relatei a condição social e afetiva desse aluno, talvez depois de André ele fosse o em condição mais preocupante.

professora minha madrinha tem uma coleção bem legal de livros, e no feriado eu fui pra casa dela e ela deixou eu procurar as atividades que a Sra falou, foi muito legal, ela até ficou admirada de eu pedir para ver livro, vou muito lá e nunca nem peguei num livro, foi a primeira vez, ela até disse: essa tua escola ta boa mesmo em, ai eu disse que a Sra tava usando uma caixa bem bonita, que tinha muitas novidades, então ela disse que queria ver, ela estuda pra ser professora.”

Na fala de Antônio vemos a importância do novo, da novidade em sala de aula, pois o Kit, Mergulhando bem fundo possibilitou a realização de atividades pautadas em um material pedagógico, bem simples e de fácil confecção, elaboração e entendimento. Além de contribuir de forma primordial para a melhoria do entendimento dos conteúdos programáticos e ao mesmo tempo, como se evidencia na fala dos alunos o interesse e encanto pelo material, um dos pontos que gostaria de ressaltar sobre o aludido recurso é sua apresentação (ver fotos do kit em anexo). A qual gera nas crianças um interesse bem relevante.

Ainda na fala de Antônio nos remetemos a Piaget, quando esse nos diz:

À afetividade caberia então o papel de uma fonte de energia da qual dependeria o funcionamento da inteligência, porém não suas estruturas, da mesma forma que o funcionamento de um automóvel depende da gasolina, que aciona o motor, porém não modifica a estrutura da máquina (PIAGET, 1954-1994, p. 188).

Pode-se evidenciar na fala de Antônio que a afetividade funcionou para ele como essa fonte de energia, pois seu comportamento e suas atitudes nos últimos dias são visíveis, ele está extremamente interessado, seu comportamento antes apático, disperso, agora ele está participativo e interessado.

Renan, também pediu a palavra e disse:

“Aqui na escola é muito bom, gosto de todos os professores, gosto pouco de apenas um, acho que ele tem problemas, que não gosta de dar aulas, quando a gente pergunta ele xinga, briga, diz que se tivesse ficado calado ouvindo a aula tinha entendido, que não vai repetir, pois já falou e a gente tava conversando, é verdade a gente não se liga muito na aula dele, dá sono, por isso fica uma bagunça na sala, ai

ele fica com muita raiva de todo mundo. Mas tirando ele os outros são muito legais, gosto de todos.”

Na fala do aluno e também em seu quase apelo, ao pedir a palavra, podemos perceber dois pontos preocupantes e ao mesmo tempo esclarecedores: Primeiro, a postura irritada do professor, sua evidente falta de afetividade para com os alunos causam neles um desinteresse em relação a disciplina por ele ensinada. Segundo, e não menos preocupante, os alunos percebem quando o professor já parece ter perdido seu vigor enquanto docente, pois no próprio relato dos alunos fica claro que eles percebem a desistência do professor e acabam transformando suas aulas num inferno,. Quando Renan fala sobre a realidade da sala, na aula desse professor, ele diz:

“É verdade a gente não se liga muito na aula dele, dá sono, por isso fica uma bagunça na sala, ai ele fica com muita raiva de todo mundo”

Pode-se inferir daí uma postura tirana também dos alunos, pois o desinteresse os faz tornar a aula um verdadeiro caos, e em conversa informal com o aludido professor pudemos perceber que as aulas para ele são um verdadeiro martírio.

Após a fala de Renan tivemos que redirecionar a discussão, pois todos queriam falar a respeito dessas aulas, seus sentimentos pelo mesmo professor e da disciplina por ele ministrada. Em outra oportunidade procuraremos retomar a discussão, visto que este problema é bem preocupante se analisarmos a dor e o sofrimento que essa postura gera no professor em questão, ele está visivelmente abalado, por diversos problemas extra-escolares, o que pode estar contribuindo para esse comportamento frente aos alunos.

Mais uma vez reformulamos os questionamentos a respeito do que os alunos haviam entendido com o kit pedagógico, pois procuramos evitar o tema sobre o que os mesmos pensavam de seus professores, pois durante a última atividade acabamos por ter um momento meio tenso e procuramos ser mais sutis ao falar sobre a temática.

Pedimos para Priscila²⁹, aluna que ainda não havia falado ainda durante as atividades, para dar sua opinião a respeito das atividades, esta nos disse:

“Achei o material bem interessante, fácil de entender com ele. Sabe professora, na minha antiga escola era bem diferente, em tudo: material, sala, professores. Mas eu tô gostando. Mas sinto muita falta da minha outra escola. Quero logo voltar. Daqui eu gosto dos colegas e das notas; só tiro notão. Minha mãe disse se eu continuar assim, volto pra minha escola antiga. Mas gostei do material. É legal; bem simples.”

O relato de Priscila nos remete a uma questão bem emblemática, a aluna apesar de ter um comportamento muito cordial com todos, se mostrar muito interessada, ser muito receptiva e educada, não esconde em seu discurso o desejo de sair da escola, inclusive em seu depoimento podemos perceber que um dos pontos positivos que ela vê na escola é a facilidade de se tirar notas altas, ver-se ainda em seu discurso e postura, uma certa apatia em relação a escola atual e um evidente saudosismo da sua escola anterior, ou seja da escola particular, inclusive na superioridade dos recursos didáticos, dentre outros.

Carlos³⁰ foi outro aluno solicitado a dar sua opinião a respeito do recurso pedagógico. Ele estava a todo momento querendo participar, dividir uma certa alegria. Esse nos disse:

“Achei muito legal, ainda mais aquele negócio que mede a água, e bem legal, gostei também das atividades de pesquisa, minha mãe me ajudou bastante, me levou lá pro trabalho dela e a filha da patroa dela, deixou eu pesquisar na internet todos os assuntos que a senhora falou, a patroa da mamãe disse que quando for pra fazer trabalho de aula eu posso ir pra lá que ela fica feliz de eu tá interessado esse ano, que vai me dar um presente se eu continuar interessado e estudar. Fiquei feliz, vou estudar mais, cada dia.”

²⁹ - Priscila é uma aluna bem aplicada, bem interessada, organizada e disciplinada, faz as atividades antes de todos os colegas, mas na verdade é egressa da rede particular de uma escola muito bem conceituada, mas segundo a mãe da aluna, depoimento que conseguimos através de conversa informal durante uma reunião com a comunidade, sua mãe disse que a aluna havia repetido de ano na escola particular, por ter se enturmado com um grupinho duvidoso (palavras de sua mãe) e como forma de castigo os pais da aludida aluna a colocaram na escola pública para que ele aprendesse a valorizar o sacrifício feito pelos mesmos.

³⁰ - Carlos é um aluno bem problemático, fica o dia todo sozinho em casa, pois sua mãe trabalha em casa de família, às vezes ela me disse que até dorme na casa da patroa, deixando Carlos entregue a sua própria sorte, em um bairro de extrema violência onde os adolescentes estão em situação de vulnerabilidade frente às drogas.

Na fala de Carlos podemos perceber que as atividades acabaram surtindo um efeito bem positivo, pois o levaram a se interessar sobre os temas e ao mesmo tempo o reconhecimento por parte dos adultos citados por ele elevou de certa forma sua auto-estima, pois ele se percebeu reconhecido, inclusive disse ter ficado feliz por isso e que vai estudar mais.

Pedro³¹ foi quase que forçado pelos colegas a falar. Na verdade, disse que não queria dizer nada, mas foi praticamente obrigado pelo grupo a se posicionar. Sua fala foi a seguinte:

“É eu gostei das aulas com esse material, foi muito bom, gosto de aula assim, que a gente pode participar, brincar, até fazer brincadeira que a professora não briga, não gosto quando brigam comigo, fico triste e não falo mais.”

Apesar de Pedro não gostar de falar, isso é uma característica sua, ele sempre fica quieto, participa muito pouco das atividades; mesmo nas aplicadas com o apoio do kit, sua participação foi mínima. Em sua fala ele nos apresenta um ponto que devemos observar nos alunos, ou seja, a postura muito rígida pode provocar esse tipo de apatia nos alunos. Percebeu-se na fala do discente que ele usa o silêncio como instrumento de resistência e ao mesmo tempo para se proteger de possíveis agressões. Observamos ainda que na interação entre turma e professor ele rende mais, se solta; mesmo que timidamente.

Após muito observar, fazer anotações durante as atividades, foi a vez de Gisele, falar sobre as atividades, ela nos disse:

“Sabe eu estava muito desmotivada, não queria nem participar das aulas. Fui transferida da minha escola para cá. Perdi meus amigos; tudo ficou triste; não queria mais estudar, não fazia as tarefas. Por isso, os professores brigavam comigo. Mas agora estou me sentindo melhor; não sei porque. As atividades com a caixinha, parece que fizeram a gente se gostar mais, ficar mais próximo. Gostei de ter sido escolhida como relatora, de poder organizar a sala, anotar o que falam; foi bom. Gostei de verdade, de tudo. Agora acho até que os professores tão gostando de mim.”

³¹ - Pedro tem uma característica bem marcante, não fala muito, nem mesmo com os colegas é muito reservado, quase inatingível, fiquei muito feliz com a participação dele nas atividades, pois mesmo que de forma tímida, acabamos por “forçá-lo” a participar e acredito que foi uma pequena conquista. Se tratando desse aluno.

A fala de Gisele foi bem emblemática em relação ao turbilhão de sentimentos que ela estava passando. De um lado, entendemos que a mudança é realmente bem difícil para todos, ainda mais na idade deles, que estão cheios de sentimentos diversos, uma mudança desse tipo realmente acaba por mexer de forma grave na vida dos adolescentes. Por outro, ela nos alerta para o cuidado adicional que precisamos ter ao receber um aluno transferido, de forma que este se sinta acolhido pelo grupo, e dessa forma possamos minimizar as angústias trazidas por eles.

Com a fala de Gisele acabamos por concluir nossas atividades, mas na verdade essa conclusão foi um tanto dolorosa, pois acreditamos que poderíamos ter contribuído um pouco mais, mesmo que fosse apenas para possibilitar aos alunos a verbalização de suas angústias e perspectivas, seja frente aos colegas, professores ou mesmo sobre eles próprios. Tais atividades nos possibilitaram perceber os alunos de certa forma desnudos dos padrões impostos por nós professores, ou mesmo pela sociedade. O período da pesquisa de campo foi muito rico e significativo para nós, pois além de ter possibilitado um diálogo mais próximo de nossos alunos, Também proporcionou a eles uma oportunidade para que estes falassem, demonstrassem suas representações sociais a cerca da educação, de suas vidas, de seus professores e por que não do Kit: Mergulhando Bem Fundo.

Dando prosseguimento a nosso trabalho apresentamos o mapeamento realizado junto aos professores e alunos da escola onde a pesquisa foi realizada, trabalhamos com o depoimento de professores e alunos para a construção desse recurso.

O mapeamento aqui apresentado se pautou nos temas obtidos através dos relatos orais dos sujeitos partícipes da pesquisa, num primeiro momento os relatos foram transcritos, organizados e posteriormente foi feita uma seleção dos indicadores como: **para os professores** se utilizou as seguintes variáveis: idade, formação acadêmica, sexo, tempo no magistério e para finalizar seu relato sobre a temática em questão. **Para os alunos** as variáveis foram: idade, sexo e seu relato propriamente dito. Pelas características da pesquisa não podemos chegar a conclusões fechadas, mas essa nos possibilita apresentar diversos indicadores a partir dos relatos de professores e alunos a respeito da temática.

MAPEAMENTO DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES

PROFESSOR	IDADE	FORMAÇÃO	SEXO	TEMPO DE MAGISTÉRIO	RESPOSTA
Tereza	36	Ciências Naturais	F	10 anos	<p><i>“A ideia de confeccionarmos nossos próprios materiais foi muito boa, é incrível como a partir de uma ideia tão simples como a elaboração desse kit podemos gerar em nossos alunos tanto interesse, inclusive de pesquisa, tenho certeza que essa aula sobre a classificação dos seres vivos não teria sido tão bem aceita pelos alunos se eu tivesse utilizado apenas o livro didático e a apresentação no quadro, já trabalho com esse tema a vários anos, mas nunca percebi tanto prazer das crianças pelo tema. Gostei muito dessa ideia.”</i></p>
Sônia	43	Ed. Física	F	16	<p><i>“Esse material é muito interessante, com pequenas adequações posso utilizar para as aulas teóricas, de forma que dá para se trabalhar com a ideia em todas as disciplinas, pois a partir desse pode-se realizar uma elaboração inclusive</i></p>

					<p><i>interdisciplinar. Uma vez que eu trabalho diversos temas bastante próximos dos conteúdos trabalhados em ciências naturais, inclusive na temática ligada ao corpo humanos e seu desenvolvimento.”</i></p> <p><i>“Ainda, apesar de já ser professora a mais de vinte anos, não havia analisado a necessidade, ou mesmo minha relação afetiva com os alunos, talvez por minha formação ser bem tradicional, fiz magistério no IEA (Instituto de Educação do Amazonas), lá nós aprendíamos muitas coisas, técnicas, trabalhos manuais, etc. mas a questão da afetividade, parece ficar encoberta no receio de se perder o tão falado e valorizado, naquela época, respeito e domínio de sala. Sabe colegas, naquele tempo nossa formação era bem diferente de hoje, não que desmereça suas qualidades, mas a super valorização da disciplina, muitas vezes nos fazia não perceber a necessidade de amor e afeto com os nossos alunos”.</i></p>
Joana	53	Normal Superior	F	24	<p><i>“Com esse material, dá para se fazer muita coisa, inclusive para o ensino de matemática que os alunos não gostam muito,</i></p>

					<i>demonstram pouco interesse pelas aulas, mas vou pegar a ideia e montar meus kit's.</i> ³²
José	42	Geografia	M	16	<i>“É curioso como precisamos discutir mais a educação entre nós e com nossos colegas, apesar de ser professor a tanto tempo acabei aprendendo muito com nossas conversas, além de aprender que com isso. Podemos com uma ideia tão simples melhorar nossas aulas, motivar nossos alunos e a nós mesmos, já que a rotina acaba por nos eixar até discentes na educação. E de repente utilizamos algo simples e ao mesmo tempo possível de ser realizada com resultados positivos. Isso nos leva a melhorar e até nos articular mais”.</i>
Rosana	43	Normal Superior	F	18	<i>“Acho muito bom quando são trazidas para a escola propostas desse tipo, muito fácies de fazermos, mas ao mesmo tempo de uma riqueza, já que se pode pensar a partir dessa perspectiva muita coisa</i>

					para se trabalhar na escola. Na disciplina arte posso realizar diversas atividades com meus alunos, até porque temos no depósito muito material e dessa forma melhorar nossas aulas, torná-las mais práticas, e isso é que os alunos gostam.”
Maria	39	Letras	F	15	<i>“Procuro sempre ter uma relação bem cordial com meus alunos, mais há dias em que estão muito agitados, e acabo perdendo um pouco a paciência, mas mesmo assim busco sempre ter com eles conversas, principalmente quando vamos produzir textos, vejo que muitos alunos apresentam uma carência afetiva elevada, dessa forma acredito que com uma relação mais próxima a eles podemos ser vistos como parceiros, capazes de contribuir com sua formação para a vida adulta.”</i>
Janaina	50	Letras	F	24	<i>“Sempre procuro fazer meu trabalho da melhor forma, tenho uma relação cordial, mais relativamente distante, não gosto muito de agarrado porque alguns alunos confundem amorosidade com</i>

					<i>liberdade e acabam não mais respeitando, e para mim o respeito na sala de aula é tudo”</i>
João	37	Geografia	M	4 anos	<i>“Vejo que uma relação mais próxima dos alunos ajuda muito, até porque podemos entender quais seus principais anseios e dessa forma buscamos realizar nossas aulas de forma mais atraente, venho usando inclusive como forma de atraí-los a informática, lá eles se colocam mais, falam que é bem diferente daquela aula só no quadro, eles copiando e não dizendo nada, e isso só foi possível a partir do momento que eu resolvi baixar a guarda e ouvi-los, sei que eles estão mais interessados, a maioria faz todos os trabalhos, inclusive os de pesquisa, vejo que as relações afetivas contribuem de forma bem direta para a melhoria, não apenas dos alunos, mas de nós mesmos, estou me sentindo menos frustrado, depois que me aproximei dos meus alunos, tenho mais vontade de vir a escola, pois sei que eles estão valorizando as aulas.”</i>
Paulo	35	Normal Superior	M	6 anos	<i>“Procuró sempre ter uma relação bem próxima de meus alunos, mesmo</i>

					<p><i>tomando muito cuidado para não ser confundida a afetividade, com aliciamento, vemos com muita frequência denúncias a respeito de aliciamento e por isso tenho muito cuidado, nem sempre relações afetuosas são bem interpretadas, penso que aprendemos a pensar assim, e dessa forma tomo todos os cuidados, para me precaver desse tipo de coisa, mas enquanto professor, pai, e cidadão vejo que uma educação fria, distante dos alunos deve ser evitada a qualquer custo.”</i></p>
André	46	Magistério	M	12	<p><i>“Vejo a questão da mesma forma que o Paulo, busco fazer um bom trabalho, principalmente no que se refere a questão do ensino, mas uma das minhas maiores dificuldades no processo ensino aprendizagem e na necessidade de afeto, cuidado, paciência. Outros fatores que interferem de forma direta nesse processo são a quantidade de alunos que tenho e o nível, pois muitos chegam ao quinto ano, acreditem, sem saber nem ao menos ler, dessa forma tenho que me esforçar ao máximo, mas mesmo assim nem sempre</i></p>

					<i>consigo. Acredite, muitas vezes fico frustrado por saber que não consegui fazer uma bom trabalho, e em relação a afetividade, reconheço que, as vezes, a quantidade de trabalho me deixa um tanto distante dos alunos, não tendo para com eles muita paciência e muito menos afeto e amor para com eles.”</i>
Manoel	47	Letras	M	15	<i>“Não gosto de envolvimento, minha relação é bem formal.”</i>

O quadro acima apresentado nos possibilita perceber que os professores da escola, em sua maioria tem uma vasta experiência no campo da educação pelo menos no que se refere a tempo de serviço no magistério, pode-se perceber também que esse é um grupo bem maduro no que se refere a idade e ainda que o grau de professores que dizem ver na afetividade uma aliada é bem significativo, uma vez que dos professores acima apresentados apenas um realmente se posiciona formal, não vendo na afetividade uma aliada para uma educação mais efetiva e prazerosa, também se percebe nas práticas dos professores dessa escola um elevado grau de compromisso com sua profissão, mesmo no momento que se questiona as condições de trabalho elas são unânimes em que seu maior compromisso é com os alunos e com a sociedade.

Outro fator relevante nesse mapeamento é a possibilidade de termos indicadores para realizarmos atividades voltadas às perspectivas e interesses dos professores, partindo sempre que possível de seus anseios. Acreditamos que dessa forma podemos contribuir para a melhoria da qualidade das relações entre professores e alunos e dessa forma possibilitar uma educação mais afetiva e por que não efetiva.

MAPEAMENTO DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS A RESPEITO DAS RELAÇÕES AFETIVAS COM SEUS PROFESSORES E AINDA SOBRE O RECURSO PEDAGÓGICO

ALUNO	IDA DE	SEX O	RESPOSTAS
José	10 anos	M	<i>“Gosto de ser bem tratado, mas as vezes acho que o professor X, não gosta muito de mim, toda vez que vou falar ele faz de conta que não me viu. Será que é porque sou baixinho” ?</i>
Geslane	12 anos	F	<i>“ Gosto de todos os professores, apesar de alguns não gostarem de mim, mas sei que eles gritam porque estão cansados”.</i>
Edson	13 anos	M	<i>“Pra mim tanto faz, fico no meu canto, quieto e nem ligo, mas gosto que fale bem comigo”</i>
Airton	13 anos	M	<i>“Aqui os professores são bons, eles não gritam muito, lá na minha outra escola, os professores gritam e chamam nome pros alunos e a diretora nem liga. Aqui to gostando.”</i>
Estela	12 anos	F	<i>“Eu gosto de todos”</i>
André	13 anos	M	<i>“Gosto de ser bem tratado, mas sei que não mereço, não estudo, não faço a tarefa nem nada, por isso acho que não gostam de mim.”</i>
Timóteo	13 anos	M	<i>“Gostei, achei bonito, parece que fiquei mais interessado, porque é bem bonito e animado, a caixa é bonita, gostei dos tracajazinhos, mais acho que era melhor a brincadeira se tivesse premio, eu ia gostar mais”</i>
Jocivam	12 anos	M	<i>“Gosto de todos meus professores, só um é que não gosta de mim, mas fico quieto na aula dele, e ele nem me ver, isso não é problema para mim, mas gostei muito dessa aula, com a caixa bem bonita, a aula eu entendi melhor, até os outros assuntos, gostei muito, mais ainda do jogo, também acho que com premio fica melhor, que a gente tem mais vontade e força para aprender sabendo que vai ganhar alguma coisa, quando acerta, até o tracajazinho, pra mim tava bom.”</i>
Laila	12	F	<i>“Gosto muito dos professores, vim de outra escola,</i>

	anos		<i>lá era muito ruim, minha mãe, só vivia lá, porque era muito ruim, os professores faltavam muito, brigam, chamam nome e ninguém nem liga, minha mãe ficou muito feliz quando ela conseguiu a vaga aqui, aqui é o céu, tem professor, aula, merenda e eu não sou maltratada”</i>
Antônio	13 anos	M	<i>“Também não quero falar dos professores, gosto de todos, mas gostei muito dessas aulas com a caixinha que a Sra. trouxe, ela faz a aula ficar bem mais legal, fiquei até interessado, fiz pesquisa, procurei nos livros que tem lá em casa, sabe professora minha madrinha tem uma coleção bem legal de livros, e no feriado eu fui pra casa dela e ela deixou eu procurar as atividades que a Sra falou, foi muito legal, ela até ficou admirada de eu pedir para ver livro, vou muito lá e nunca nem peguei num livro, foi a primeira vez, ela até disse: essa tua escola ta boa mesmo em, ai eu disse que a Sra tava usando uma caixa bem bonita, que tinha muitas novidades, então ela disse que queria ver, ela estuda pra ser professora.”</i>
Renan	12 anos	M	<i>“Aqui na escola é muito bom, gosto de todos os professores, gosto pouco de apenas um, acho que ele tem problemas, que não gosta de dar aulas, quando a gente pergunta ele xinga, briga, diz que se tivesse ficado calado ouvindo a aula tinha entendido, que não vai repetir, pois já falou e a gente tava conversando, é verdade a gente não se liga muito na aula dele, dá sono, por isso fica uma bagunça na sala, ai ele fica com muita raiva de todo mundo. Mas tirando ele os outros são muito legais, gosto de todos.”</i>
Priscila	12 anos	F	<i>“Achei o material bem interessante, fácil de entender com ele, sabe professora na minha antiga escola era bem diferente, em tudo, material, sala, professores, mas eu to gostando, mas sinto muita falta da minha outra escola, quero logo voltar, daqui eu gosta dos colegas e das notas, só tiro notão, minha mãe disse se eu continuar assim volto pra minha escola antiga, mas gostei do material, é legal, bem simples.”</i>
Carlos	13 anos	M	<i>“Achei muito legal, ainda mais aquele negócio que mede a água, e bem legal, gostei também das atividades de pesquisa, minha mãe me ajudou bastante, me levou lá pro trabalho dela e a filha da patroa dela, deixou eu pesquisar na internet todos os assuntos que a senhora falou, a patroa da mamãe disse que quando for pra fazer trabalho de aula eu posso ir pra lá que ela fica feliz de eu ta interessado esse ano, que vai me dar um presente</i>

			<i>se eu continuar interessado e estudar. Fiquei feliz, vou estudar mais, cada dia.”</i>
Pedro	13 anos	M	<i>“É eu gostei das aulas com esse material, foi muito bom, gosto de aula assim, que a gente pode participar, brincar, até fazer brincadeira que a professora não briga, não gosto quando brigam comigo, fico triste e não falo mais.”</i>
Gisele	13 anos	F	<i>“Sabe eu estava muito desmotivada, não queria nem participar das aulas, fui transferida da minha escola para cá, perdi meus amigos, tudo ficou triste, não queria mais estudar, não fazia as tarefas, por isso os professores brigavam comigo, mas agora estou me sentindo melhor, não sei porque, as atividades com a caixinha, parece que fizeram a gente se gostar mais, ficar mais próximo, gostei de ter sido escolhida como relatora, de poder organizar a sala, anotar o que falam, foi bom, gostei de verdade, de tudo, agora acho até que os professores tão gostando de mim.”</i>

Na fala dos alunos podemos perceber diversos indicadores de que a relação afetiva entre professor e aluno pode de forma efetiva contribuir para a melhoria na qualidade de educação e conseqüentemente de vida desses alunos, podemos, por exemplo, entender que muitos assumem uma postura apática em sala de aula, mas percebem claramente o que ocorre em seu interior, podem descrever inclusive a condição e nível de estresse apresentado pelos professores, percebendo inclusive seus sentimentos para com eles. Dessa forma precisamos enquanto educadores estar atentos não apenas a nossa postura, mas aos interesses e sentimentos de nossos alunos, pois dessa forma podemos contribuir para a melhoria na formação desses educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho foi marcada por diversos sentimentos, que por diversas vezes contribuíam de forma efetiva para sua realização, pode-se dizer que a temática por ele indagada trouxe um turbilhão de sentimentos e questionamento, mas de modo geral foi de uma grandeza de formação inegável.

Poderia destacar em especial esse momento mágico que é se mudar de lado, deixar as “certezas” do professor para nos aventurarmos nas incertezas e dúvidas de extremas importâncias que o trabalho de pesquisa nos impões, darmos ao conhecido um olhar de estrangeiro, a rotina tornar-se um novo caminho a trilhar, vermos nossos colegas, sejam esses professores ou alunos com um olhar de parceria, visto que torna-se evidente que um trabalho dessa magnitude só é possível de ser realizado tendo os professores, alunos e comunidade escolar como partícipes do processo de construção do conhecimento. A realização desse trabalho propiciou uma revisão de práticas educacionais até então vistas como irrefutáveis, como inquestionáveis e imutáveis.

A necessidade da valorização da afetividade como forma de impulsionar a aprendizagem tornou-se a medida do desenvolvimento da pesquisa cada vez mais evidente, uma vez que pode-se perceber num curto espaço de tempo a afetividade agindo como fonte de energia (Piaget 1954-1994), já nos depoimentos dos alunos e professores, de modo a se perceber sua necessidade e importância para um sistema de ensino mais humano, que centre seu foco não apenas em indicadores numéricos, que na maioria das vezes não representam a realidade de nossas escolas. Acredita-se que com uma relação mais calorosa entre professores, alunos e comunidade escolar pode-se contribuir para a melhoria qualitativa da educação e conseqüentemente para uma sociedade mais humana e solidária.

Todavia, é necessário que essa postura seja regida por muito respeito e compromisso, que esta esteja a serviço dos alunos e professores e não apenas como uma forma de disfarçar as imensas desigualdades sociais existente em nossa

sociedade. Que seja realizada de forma espontânea, desenvolvendo dos discentes um novo olhar sobre seus professores, gestores e escola.

Por meio dessa pesquisa, entende-se, que pode-se realizar inúmeras atividades e melhorias nas escolas a partir de idéias simples como a apresentada e desenvolvida no kit, pedagógico *Mergulhando Bem fundo*, produzido pelos egressos do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, pois a aceitação deste pelos professores e alunos foi muito interessante, sua idéia é muito boa e de fácil realização.

Não foi fácil terminar essa pesquisa, prefiro vê-la como uma pesquisa piloto para o doutorado, que espero fazer em breve, pois acredita-se que esta possa contribuir para o incentivo da realização de diversas outras que vejam na afetividade e em idéias simples como a do recurso pedagógico fontes de melhorias para a educação de nossas escolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, São Pulo: Papirus 1999, (Coleção Papirus Educação).

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado; Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

_____. **A linguagem do afeto: Como ensinar virtudes e transmitir valores**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2005.

_____. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

AUSUBEL, David P.; NOVAK. Joseph D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

AUSUBEL, David P. **Psicologia educativa: um ponto de vista cognitivo**. México: trilhas, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

_____. (1980) '**O capital social – notas provisórias**'. In: Nogueira, M. A. e A. Catani (orgs.) *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Capítulo III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BUSTOS, D. M. **o teste sociométrico**. Ed. Brasiliense, São Paulo. 1979.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. 34. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CUNHA. Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. 2 edição. Rio de Janeiro Ed. Wak. 2010.

DEMO, Pedro. **Pesquisa princípio científico e educativo**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2005. Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, v. 14.

FERREIRO, Emilia. **Atualidade de Jean Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo. Cortez autores associados. 1986 e 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio XXI: **o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GHEDIN, Evandro, FRANCO, Maria Amélia. **Questões de Método na construção da Pesquisa em educação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2008.

JENNINGS, H, H. **Sociometry in group relations**: manual for teachers Greenwood Press, Publishers, Westport, Connecticut, 1973.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Summus, 1992.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. “**A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**”, in AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000

MANOLE, **Origens do pensamento da criança**, São Paulo, 1989.

MARTINELLI, S, C. **Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem**. Petrópolis, Ed. Vozes 2001.

MERANI, Alberto L. **Pedagogia e psicologia (As idéias pedagógicas de Henri Wallon)**. Lisboa: Editorial Notícias, 1977.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Maria da Conceição Almeida, Edgar de Assis Carvalho, (orgs) 2. Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2004.

MRECH, Leny, Magalhães. **Psicanálise e Educação**. Novos Operadores de Leitura. São Paulo. Ed. Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. “**O problema da afetividade em Vygotsky**”, in La Taille, Y.,

Dantas, H., Oliveira, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

_____. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio – histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

ONTORRIA, A. et al . **Potenciar La capacidade de aprender y pensar**. Madri: Ed. Nancea 2000.

PERINI, Silvia. **Psicologia da Educação**. A observação científica como metodologia de estudo. São Paulo: Paulinas, 2003.

PIAGET, J. **A Relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, Vol 26 n 3, 1962.

_____. **O Juízo moral da criança**. São Paulo: Ed. Summus, 1994.

_____. O nascimento da inteligência na Criança. São Paulo, Ed. Ática. 1996.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 14ª Edição.

RIBEIRO, V. M. **Alfabetismo e Atitudes**. 2. Edição. São Paulo: Ed. Papyrus, 2003.

ROSENTHAL, R & JACOBSON, L. **Pigmalion in the classroom**. New York: Rinehart and Winston 1968.

SILVA, R. N. **Concepções, crenças e valores de alunos e professores: analisando situações de conflito na sala de aula**. Brasília: UNB, 2004. (dissertação de mestrado).

SISTO, F. F. **Dificuldade de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, Ed. Vozes 2001.

VELHO, G. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. S.P., Martins Fontes, 1989.

_____. Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEINER, B. **History of motivational research in education**. Journal of Educational psychology. 1990.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **Les milieux, les groupes et la psychogenèse de l'enfant**. *Enfance*, Paris, (3-4): 287-296, mai-oct., 1959, (1ª ed., 1954).

_____. (1971) **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

_____. (1978) **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores.

_____. **Psicopatologia e Psicologia Genética**, in Werebe, M J. & Nadel-Brulfert, J. Henri Wallon, São Paulo: Editora Ática, (orig. 1951). 1986.

WADSWORTH, B.J., **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo, Pioneira Educação, 6ª edição, 1997.

WEBER, Max. **As causas sociais do declínio da cultura antiga**. In COHN, Gabriel, org. Max Weber, Sociologia. São Paulo, Ed. Ática. 1979.

WERNECK, Hamilton. **Professor, acredite em si mesmo**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

WEBGRAFIA

WWW.orgone.com.br – definição de afetividade

ANEXOS



APRESENTAÇÃO DO KIT



DISCUSSÃO DA IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA



ATIVIDADE DE PROBLEMATIZAÇÃO



LEITURA E DISCUSSÃO DE TEXTO



ELABORAÇÃO DE TRABALHO ESCRITO



DISCUSSÃO DE ATIVIDADE



ALUNOS DISCUTINDO A TEMÁTICA



APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE



DISCUSSÃO SOBRE APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS[



ALUNO APRESENTANDO A VISÃO DO GRUPO DA TEMÁTICA DISCUTIVA



SISTEMATIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS



PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADES EXTRA CLASSE



DISCUSSÃO COM OS ALUNOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FETIVIDADE PARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM